

# ARMINIANISMO E METODISMO

Subsídios para o estudo da  
história das doutrinas cristãs

*José Gonçalves Salvador*

*Junta Geral de Educação Cristã*  
DA  
IGREJA METODISTA DO BRASIL

SÃO PAULO

# ÍNDICE

## **PREFÁCIO**

## **INTRODUÇÃO**

### **CAPÍTULO I - Como se constrói uma grande nação**

- A situação política
- O fator político religioso

### **CAPÍTULO II - Tiago Armínio no cenário de sua pátria**

- Os primeiros anos
- O preparo escolar
- Armínio no exercício do pastorado
- O mestre e o polemista
- O fim da jornada

### **CAPÍTULO III - As doutrinas arminianas**

- A respeito de Deus
- A predestinação
- O homem no conceito de Armínio
- O problema do pecado
- O decreto eterno de Deus
- A obra de Cristo
- O lugar da graça na salvação do homem
- A perseverança cristã

### **CAPÍTULO IV - Organização e difusão do arminianismo**

- O arminianismo nos Países-Baixos
- Introdução e desenvolvimento na Inglaterra
- O impacto sobre o calvinismo francês
- O arminianismo na Alemanha e outros países
- A influência do arminianismo na Filosofia, no Direito, na Política e nas Missões Evangélicas

### **CAPÍTULO V - A gênese do arminianismo wesleyano**

- A situação da Igreja Anglicana
- A influência do casal Samuel e Susana Wesley
- O valor da dedicação pessoal
- A contribuição de Aldersgate
- A controvérsia predestinista
- O contato com as idéias de Tiago Armínio

### **CAPÍTULO VI - Arminianismo e Metodismo**

- O espírito do metodismo
- Distinções doutrinárias:
  - a) O pecado original

- b) A predestinação
- c) A certeza da salvação
- d) A justificação
- e) A regeneração
- f) A santificação
- g) O conceito de Deus

## **CONCLUSÃO**

## **BIBLIOGRAFIA**

## PREFÁCIO

Bispo César da Corso Filho

Li, com prazer, os originais deste livrinho. Por diversos motivos. Primeiro, porque escritos por um companheiro de ministério, cujo *curriculum vitae*, vencido até aqui, venho acompanhando desde o princípio. Depois, porque fruto de esforços com que ele sempre vence nos empreendimentos que toma a peito, e da piedade sincera e profunda que, como apanágio de seus dias, ele cultivava em termos estritamente evangélicos. Enfim, porque campo cultural de suma importância para nós, quando nos confrontamos com o dilema do “sim ou não,” em face do convite que o Filho de Deus nos faz, tocante à redenção - campo cultural que ele lavra com muita prudência e circunspeção.

Abrangem muitos âmbitos que se prendem ao magno problema - e, na Terra, somos ou não livres para aceitar a chamada de Jesus Cristo para o Reino de Deus, ou se, na Terra, estamos ou não sujeitos a predeterminismo, com referência à salvação eterna.

A base que se vale, em grande extensão, o autor, é a pessoa de Armínio e a controvérsia a que ela deu causa. Para isso, ele se foi à Geografia, à História, aos imperativos da lógica e aos lampejos das armas terçadas nas arenas da Teologia. Contudo, seu trabalho é muito sucinto para matéria tão extensa e muito simples para tema tão complicado.

O autor foi, no meu entender, feliz em ressaltar que nós, metodistas, avançamos mais na doutrina do livre arbítrio, que o próprio pastor Neerlandês. De fato precisamos distinguir Wesley de Armínio.

Não podemos jamais negar que Deus destinou muitas coisas para certas esferas da vida humana, sobretudo no curso das coisas materiais. Assim, quem não comer e beber, há de sucumbir, e quem, de grande altura, se lançar no espaço desarmado de páraquedas, há de morrer ao tocar o solo. Isso, para não referir à inalterabilidade dos grandes fenômenos físicos das estações, das luas, das chuvas, dos raios, em que quase não podemos interferir, senão para nosso resguardo de seus efeitos. Assim, deu Deus seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna. Até aí vai a predestinação de Deus. Todavia, comer e beber, como lançar-nos, de grande altura, ao espaço e, ainda, crer no Filho Unigênito, é atitude que depende de nós. E aqui é que está nosso livre arbítrio, nossa liberdade, seguidos de nossos deveres e conseqüentes responsabilidades.

Mas o que deduzimos da Bíblia, da lógica e da experiência, de acordo com o que acabo de declarar, é que, no campo propriamente moral e espiritual (religioso), somos soberanamente livres. Para isso a Providência nos dotou de inteligência, razão e consciência, que nos conduzem ao senso de nossos deveres e conseqüentes responsabilidades, tão vivo em todos nós. Sem dúvida, só até onde chega nosso

entendimento e compreensão das coisas, e não do que não entendemos e não compreendemos, podemos dar conta, máxime a uma justiça perfeita.

Fato que leva algumas pessoas a se embaralharem e se confundirem na consideração das determinações divinas (melhor do que predestinação divina), é não distinguirem, presciência de predestinação. Na presciência divina de futuras deliberações humanas existe, apenas, previsão e não existe qualquer influência sobre elas, ao passo que na predestinação divina haveria compulsão sobre elas.

Finalmente, é certo que, pela inteligência, razão e consciência, sentimos nossos deveres e responsabilidade. Por tais caminhos Deus nos ajuda com maior iluminação de seu Espírito. Entretanto, não nos força a qualquer decisão. Daí decorre que, passando dos limites da convicção para o terreno do “ser ou não ser,” nós nos encontramos, por efeito de uma lei incoercível, na dependência de nós mesmos, isto é, na necessidade de praticar nossas próprias volições. De mais a mais, sabemos, de sobejo, que, se tal condição não fosse a do ser humano, não haveria para ele nenhum sentido na dor da culpa, na alegria do bem que fez, como, de resto, nas declarações da justiça.

Agradeço ao Rev. José Gonçalves Salvador o privilégio de fazer este breve exórdio a seu trabalho. Com ele muito me congratulo à vista da contribuição que traz, com seu livrinho, à literatura religiosa em português.

## INTRODUÇÃO

**José Gonçalves Salvador**

Este livrinho, antes de tudo, é uma satisfação a pedidos que amigos me dirigiram há tempos, solicitando para escrever alguma coisa a respeito das relações entre a Igreja Metodista e o arminianismo. Em suas missivas lamentavam eles haver em nosso meio desconhecimento quase total da história e das doutrinas do sistema teológico originado com Tiago Armínio, na Holanda, em fins do século XVI e, de igual forma, das afinidades do metodismo wesleyano com o mesmo, a ponto de se atribuir a ambos afirmações que não lhes são peculiares.

Pus-me, então, a observar. Conversei com dezenas de pessoas, arroladas numa porção de denominações evangélicas, e também li jornais e revistas. Em determinado artigo chegava-se a dizer que o metodismo não dá importância à graça de Deus, que o arminianismo é episcopal, e sendo a Igreja Metodista episcopal e arminiana, *ipso facto*, é um sistema papal.

Ora, tais declarações não condizem com a verdade e só revelam lamentável ignorância. A doutrina da graça é fundamental em todo o metodismo. E quanto ao pretendido episcopalismo, basta esclarecer que o metodismo inglês, fruto direto de João Wesley, não é episcopal. Devo lembrar, ainda, que o arminianismo holandês adotou como forma de governo eclesiástico o sistema presbiteriano.

Minhas observações acabaram por dar razão aos meus amigos missivistas, levando-me a escrever as notas que ides ler. Trata-se de trabalho simples, sem propósitos de erudição; coisa que nem de leve possuo. Quis torná-lo acessível ao maior número de pessoas, para, assim, prestar melhor serviço. Limitei-me a meia dúzia de páginas sobre cada capítulo, ou pouco mais, quando poderia escrever centenas. Se me aprofundasse no estudo, faria obra volumosa, de maior custo e de interesse, talvez, só para uma pequena elite. Em todo caso, as picadas ficam abertas.

Faço, no primeiro capítulo, uma breve análise das condições geográficas, econômicas, sociais, políticas e religiosas dos Países-Baixos no início dos tempos modernos, pois devemos conhecer o cenário onde os fatos se processam e onde os atores desempenham seus papéis. É impossível a História sem a Geografia. A Holanda, por exemplo, não se explica independentemente do Mar do Norte. Mesmo as idéias sociais, políticas e religiosas têm notável relação com o habitat, ou seja, o ambiente no seu mais amplo sentido. E isto também explica porque o arminianismo germinou onde o calvinismo já se havia radicado. A época exigia maior compreensão do homem. A Renascença, os seguidores de Duns Scotus, franciscanos em sua maioria, os arminianos e outros, todos pugnavam por sua valorização.

No segundo capítulo aparece o vulto inconfundível de Arminio, que é figura central no estudo em apreço, para, então, no capítulo seguinte, verificarmos quais as causas de suas idéias e quais as suas concepções doutrinárias.

Já o capítulo IV é um elo na cadeia da exposição estabelecendo uma ponte entre o arminianismo e o metodismo, e nele se dirá da organização e expansão do arminianismo. Convém observar, aí, a influência que aquele exerceu no pensamento da época, primeiro na Europa e, depois, na América do Norte.

Os dois últimos capítulos são dedicados ao metodismo. Através deles procurarei mostrar como o arminianismo wesleyano se originou e se desenvolveu, sem contacto direto com o arminianismo do teólogo holandês, e mais, que em muitos pontos se diferencia do mesmo e se lhe avanta. Certas doutrinas, de que o arminianismo nem sequer cogitou e, se o fez, deixou-as em plano secundário, ocupam lugar saliente no metodismo.

Os prezados leitores iriam admirar-se, com certeza, das referências que, a cada passo, surgirão ao calvinismo. Mas desde já os prevenimos. Seria difícil mostrar a gênese do arminianismo holandês e a sua natureza sem recorrer ao sistema que lhe deu causa. Enfatizava-se tanto a soberania absoluta e irrestrita de Deus, em completa negligência do homem, que a reação teria de surgir. Como diria Hegel, a tese originou a antítese e, de ambas, resultou a síntese. No meu entender, o metodismo representa a síntese, porque soube valer-se das mais justas e melhores concepções, quer do calvinismo quer do arminianismo. Entretanto, não é uma coisa e nem outra. O metodismo tem a sua própria individualidade. Da mesma sorte, quaisquer referências ao pelagianismo e ao catolicismo romano, visam esclarecer as questões em estudo. Ninguém, por isso, julgue que pretendo fazer polêmica. Meu objetivo é o de tornar melhor conhecido o arminianismo e revelar as afinidades e distinções do metodismo com ele. Espero conseguir isto.

## CAPÍTULO I

### COMO SE CONSTRÓI UMA GRANDE NAÇÃO

#### 1. OS PAÍSES-BAIXOS, CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS.

A Holanda e Bélgica, mais conhecidas outrora por Países-Baixos, ocupavam uma faixa de terras ao longo do Mar do Norte, na Europa Norte Ocidental. No leste confrontavam-se com diversos territórios germânicos e, no oeste, com a Picardia e Campanha francesas. Não tinham, pois, fronteiras naturais, salvo as marítimas, apesar de recortados por movimentados cursos de água, como o Reno, o Escalda e outros.

O baixo nível do seu litoral facilitava a invasão quase constante da parte continental pelas águas do mar, ameaçando lavouras e residências. Em vista disso, fazia-se mister construir diques e abrir canais, opor-se ao elemento adverso e transformar a pouco fértil planície em solo aproveitável. E, assim, desenvolveu-se ali, especialmente nas províncias do norte, as quais vieram a constituir a moderna Holanda, um povo laborioso e empreendedor, afeito aos perigos, dado ao comércio e amante da liberdade.

#### 2. O INTERCÂMBIO COMERCIAL.

À falta de matérias primas e de víveres, tinha o holandês que voltar-se para o mar e para o comércio. Dependendo de outras nações, precisava estreitar relações com elas e fazer-se pacífico. A posição geográfica do país colocava-o, naturalmente, como intermediário entre as regiões setentrionais e as centrais e, até as do meio-dia, circunstâncias a que se juntaram as do capitalismo estrangeiro, graças ao afluxo de judeus expulsos de Espanha e Portugal, por seus reis.

As indústrias mais prosperaram então. Mercadorias subiam e desciam seus rios, tornando-se alguns dos seus portos dos mais freqüentados em toda a Europa: Antuérpia e Amsterdã. De lá se recambiavam tecidos de diversos tipos, vidros, cristais, relógios, bacalhau e inclusive o latão e o cobre que Portugal traficava com o Oriente. Para os Países-Baixos remetiam os lusos o açúcar da Ilha da Madeira e do Brasil, vinho, azeite, sal, artigos da África e especiarias do Levante.

Com a derrota da “Armada Invencível,” na qual os ibéricos perderam o melhor de suas embarcações, passou a Holanda a predominar nos mares junto com a Inglaterra. Duas de suas companhias de comércio ganharam faina: a das Índias Orientais e a das Índias Ocidentais. Terras do Índico e da África caíram sob seu domínio, não escapando à sua cobiça nem o rico nordeste brasileiro.

#### 3. A VIDA SOCIAL.

Todos estes fatores repercutiram em sua vida social e cultural. A aristocracia urbana e a rural viviam pouco distanciadas uma da outra. O número de cidades era



relativamente grande, embora de fraca densidade. Leiden e Amsterdã, entre as maiores, contavam apenas umas 20.000 almas. Todas tinham direito a um representante no governo provincial, ou seja na Assembléia (Estados Provinciais). O negociante ainda não era muito rico, mas já usufruía posição de certo destaque. A ele, e sobretudo ao aristocrata, cabia a maior influência do governo do país.

Os artesãos estavam concentrados nas cidades, reunidos em corporações (gilden), mais ou menos parecidas aos modernos sindicatos operários. Gozavam de relativa situação econômica e de modo geral sabiam ler. O restante da população constituía-se de lavradores e marinheiros. O proletariado era pouco numeroso.

Talvez a Holanda fosse na época o país melhor equilibrado, socialmente. A riqueza e a cultura estavam ao alcance de muitos. Já na Idade Média os “Irmãos da Vida Comum” tinham estabelecido escolas para os filhos do povo. Holandeses foram Rembrandt, Roesbroec, Wessel, Groot, Erasmo agrícola, Grotius, Spinoza e Tiago Armínio. Instrução, espírito mercantil, intercâmbio comercial, haveriam de criar nos cidadãos o senso de liberdade e o amor à democracia. E agora, sem medo de errar, podemos acrescentar que ao fator religioso se deve o aprimoramento desse espírito de independência, de apego à liberdade e de interesse pela doutrina da Reforma.

#### 4. A SITUAÇÃO POLÍTICA.

Tendo pertencido à França, como dote de Maria de Borgonha, em virtude de seu casamento com Maximiliano da Áustria, vieram os Países-Baixos a cair sob o domínio espanhol, porque Carlos V e seu filho Felipe II descendiam em linha direta dos habsburgos austríacos. Em suas mãos estavam, também, a Alemanha, parte da América, África e regiões da Ásia. “O sol nunca se punha em tão vastos domínios,” como se veio a dizer.

A política destes habsburgos jamais foi bem acolhida nos Países-Baixos. Carlos V fez o máximo para centralizar o poder estatal, usurpando ao povo velhos privilégios já consagrados, nascendo daí amarga antipatia para com ele e seus representantes.

Um de seus erros mais graves foi o de querer extinguir pela força a influência das idéias protestantes, já em franco progresso no seio do povo. Por essa causa, em 1523, dois frades agostinhos, respondem a inquérito em Bruxelas, sendo a seguir queimados. São eles, Henrique Voes e João Esch, os dois primeiros mártires da Reforma. Centenas de outros vieram depois. No mesmo ano surge o Novo Testamento em holandês, traduzido de Lutero. Os germes do misticismo de Kempis e de Wessel, se despertam. Reacende-se na alma dessa gente amante da liberdade o desejo de conhecer a nova fé. Querendo Filipe apagá-la com mão de ferro, mais ela se incendia. Inquisição, execuções, emprego de força militar, tudo se torna em vão. O povo se une, os nobres se arregimentam, marinheiros e pescadores se convertem em terror para as hostes espanholas. A causa adquire foros de nacionalidade. Combate-se o inimigo em terra e no mar. Pela pátria e pela fé

renuncia-se a tudo. Quando Leiden já não pode resistir ao sítio, Guilherme de Orange manda arrombar os diques e inundá-la. Mas a vitória cabe, por fim, aos nacionais. Em homenagem ao seu heroísmo, a cidade foi premiada com uma universidade (1575).

Em 1579, afinal, as sete províncias do norte resolveram subscrever o tratado de Utrecht, em virtude do qual se constituíam em nação independente, com o nome de Províncias Unidas. Em 1588 dá-se a derrocada da Armada Invencível. Em 1609, Espanha e Holanda assinam um armistício. Estava ganha a independência, e com ela o protestantismo também recebia o seu reconhecimento.

## 5. O FATOR POLÍTICO-RELIGIOSO.

A causa da revolta fora política e religiosa. De um lado estavam os espanhóis e o romanismo, e do outro os súditos neerlandeses e a doutrina da Reforma. A Igreja Católica mantinha-se unida ao Estado e o apoiava na luta contra a fé protestante. Aos poucos o elemento reformado assumiu as rédeas do movimento, de sorte que, ao fim da guerra, o domínio político também lhe pertencia. O luteranismo cedera passo ao calvinismo. As igrejas foram transformadas em templos evangélicos, e os sacerdotes não convertidos à nova doutrina deixaram o país, embora o tratado de Utrecht garantisse a qualquer pessoa o direito de livre consciência. Contudo, o número de católicos ainda era bem grande, havendo de igual forma muitos anabatistas, luteranos, judeus, e socinianos.

Foi durante os anos da guerra que o protestantismo se organizou em Igreja. Já por volta de 1561 surge uma Confissão de Fé, redigida pelo jovem pastor Guido de Brés, juntamente com três outros ministros. Foi graças a ela que o calvinismo ganhou ascendência nos Países-Baixos. Depois, em 1563, reúnem-se pela primeira vez em sínodo os delegados de várias congregações, estabelecendo o seu próprio sistema de governo, e por cujo modelo tomaram o da igreja de Genebra. Adotou-se, então, o presbiterianismo, mas em cada uma das sete províncias a administração eclesiástica era quase autônoma, visto ser a Holanda mais uma confederação de Estados que uma nação. Só poderia haver assembleia geral (sínodo) quando todas as províncias dessem o seu assentimento.

Em 1566 a Confissão Belga, de Guido de Brés foi adotada oficialmente pelo sínodo de Antuérpia. Quanto à idéia das relações entre Estado e Igreja, vigorou a da autonomia desta, se bem que aliada ao Estado.

A Igreja Holandesa pode orgulhar-se de suas lutas e vitórias, de seu passado de heroísmo e martírio. Em suas fileiras militaram vultos do porte de Guilherme de Orange, estadista e patriota, Hugo Grotius, fundador do direito internacional, Guilherme de Brés e Simão Escópio, entre os grandes teólogos da humanidade, convindo lembrar que também na Confissão Belga se inspiraram mais tarde os autores da Confissão de Westminster.

De Tiago Armínio recebemos uma interpretação mais harmoniosa do caráter divino e da personalidade do homem; por isso, tanto melhor admirado quanto mais decorrer o tempo.

## CAPÍTULO II

### TIAGO ARMÍNIO NO CENÁRIO DE SUA PÁTRIA

No multivariado cenário dos Países-Baixos surgiu em fins do século XVI a figura de um personagem, que breve passaria à História. Os pais deram-lhe o nome de Jakobs Hermanns, ou Hermansen, mas ele preferiu latinizá-lo para Arminius, como se costumava então. Jakobs corresponde a Jacó, Jaime ou Tiago.

Outros já haviam tido idêntico nome no passado, sagrando-se pelo menos dois deles como campeões da liberdade. Um foi aquele chefe germânico que no ano 9 A. D. venceu as legiões do romano Varo. O segundo, modesto pastor de ovelhas, notabilizara-se nas campanhas da velha Lusitânia.

Quanto ao terceiro, cabe-lhe glória ainda maior, embora jamais tenha levantado uma espada ou lutado de armas na mão. Foi, porém, grande batalhador, militando no campo árduo das atividades espirituais. As revoluções não se fazem sem idéias, e Jakobs (Tiago Armínio), nosso biografado, foi homem de idéias.

Lutou por uma interpretação mais liberal da Teologia, exaltando a dignidade humana, sem destronar a Deus da glória que Lhe é devida, atendo as chamadas de uma revolução que mais e mais se vem alastrando mundo afora. Sim, porque sua influência se estendeu também a outros setores. Ela se projetou sobre a vida política, econômica, social e filosófica. Dos Países-Baixos saltou para as nações vizinhas, transpôs continentes, e agora percorre o universo. Já é caudal, e ninguém a poderá deter.

#### 1. OS PRIMEIROS ANOS DE SUA VIDA.

Armínio sabia despertar simpatias, porque desde pequeno manifestou boas qualidades. Era humilde, inteligente, operoso, dedicado. E isso lhe valeu granjear amizades sinceras, e com as quais pôde contar até ao fim de sua jornada terrena. Tendo nascido na pequena cidade de Oudewater, no sul da Holanda, aos 10 de outubro de 1560, teve a infelicidade de perder o pai, o cuteleiro Hermann Jakobs, alguns anos depois. A mãe, Angélica, viu-se, então, em sérias dificuldades para manter-se e aos três filhos órfãos.

Tiago encontrou daí a pouco valioso protetor na pessoa do ex-sacerdote católico romano Teodoro Emílio, alma bondosa convertida ao protestantismo. Percebendo no menino qualidades aproveitáveis, encaminhou-o a Utrecht a fim de instruir-se. Aos 15 anos, a morte fere-lhe de novo o coração, arrebatando-lhe o amigo. Mas o Pai celeste não o abandonou. O matemático Rudolph Snellius, indo a Oudewater, sua terra natal, achou ali o jovem Tiago Armínio e interessou-se por ele, levando-o para Marburg, onde exercia o professorado.

Pouco tempo depois, as tropas espanholas entraram em Oudewater, saqueando residências e destruindo tudo à sua passagem, de modo que, quando

Tiago quis rever os parentes, soube-os todos mortos. Só lhe restava conformar-se mais uma vez e prosseguir no caminho da vida.

## 2. O PREPARO ESCOLAR.

Após os acontecimentos acima narrados, vamos encontrar Armínio na majestosa Roterdã, não muito longe do mar. Aqui, faz valer de novo a chave mágica do seu bom caráter, ampliando sua lista de amizades. Entre elas destacou-se de pronto a de Pedro Bertius, sênior, pastor da igreja local, que o tratou como se fora da família e a de seu filho, o jovem Pedro. Mais tarde haveria este último de escrever a biografia do amigo de tantos anos e cumprir a difícil tarefa de proferir a oração memorial.

Bertius mandou seu filho Pedro e Tiago para estudar na Universidade de Leiden. Conquanto recém-criada, diversos mestres eminentes regiam suas cátedras com brilhantismo, como o erudito Lambert Danaeus e o ilustre João Dousa. Em 1578 o velho amigo de Armínio, Rudolph Snelius, juntou-se ao grupo desses eficientes professores.

Foram seis anos úteis os que Armínio passou em Leiden. Estudou Teologia, Filosofia, Hebraico, Literatura e outras disciplinas, sempre com assiduidade, gosto e aproveitamento. Seu exemplo tornou-se notório. Ministros do Evangelho e autoridades civis se interessaram por ele. Novas portas se lhe abrem! Mandam-no então a Genebra, a Roma do protestantismo, para cursar a universidade. A Câmara do Comércio assumia a responsabilidade pela manutenção do estudante, o qual entrava pela casa dos vinte e um anos por essa época.

Na cosmopolita Genebra o moço neerlandês freqüentou as preleções dos professores ao lado de colegas de várias nacionalidades. Pontificava ali a figura de Teodoro Beza, sucessor de Calvino, ainda mais extremado do que ele no predestinismo. Não foi isto, porém, que o levou a incompatibilizar-se com um dos mestres, mas, sim, a importância que se dava ao ensino aristotélico. Transferiu-se, em consequência, para Basileia, sendo recebido ali com simpatia. Convidado a proferir algumas preleções, tomou a epístola aos Romanos como texto, e delas se desincumbiu com agrado geral. Seu prestígio cresceu, a ponto de a própria universidade querer diplomá-lo com o título de doutor em Teologia: honra que recusou, alegando ser ainda muito jovem. Logo depois regressou a Genebra, onde o trataram, agora, com mais atenção. Beza, respondendo a uma carta vinda de Amsterdã, na qual se indagava de Armínio, deu o melhor testemunho quanto à sua piedade e dons intelectuais.

Ao fim destes três anos de proveitosos estudos, resolveu descer à Itália e ir a Pádua, onde o célebre Tiago Zabarella lecionava Filosofia. Visitou, também, outras cidades e esteve em Roma, que o impressionou com real desagrado. Mas, na pátria distante, indivíduos maldosos começaram a manchar-lhe a reputação, propalando que confabulara com os jesuítas e chegara a beijar os sapatos do Papa. Era o princípio da luta que teria de enfrentar durante o resto da vida. Felizmente levava

consigo a Adriano Junius na viagem e, por isso, fácil lhe foi provar que nem sequer vira o chefe da Igreja Católica.

### 3. ARMÍNIO NO EXERCÍCIO DO PASTORADO.

No princípio de 1588 a Corte Eclesiástica de Amsterdã chamou-o a exames, a fim de confiar-lhe encargos pastorais. Aprovado tanto em sua fé como nas doutrinas pela unanimidade dos julgadores, em fevereiro, Armínio entrou no exercício do serviço divino. Em agosto ofereceram-lhe o pastorado da importante igreja de Amsterdã. Grande honra, sem dúvida, para um moço de vinte e oito anos, mas a responsabilidade não era menor, sendo uma das cidades mais movimentadas na época por seu intercâmbio comercial e pelo afluxo de estrangeiros.

No começo todos o olhavam com expectativa. Os mais velhos, geralmente conservadores, receando as inovações de um rapaz que andara por outras terras; os mais jovens, esperando alguém que os compreendesse. Os dias se passaram e com o tempo, Armínio se fez merecedor da estima e apreço do seu rebanho. Pregava com sabedoria e poder. Não deixava impune o mal, nem de confortar os angustiados. Houve quem se referisse a ele chamando-o de “navalha para ferir os erros da época” e “filete da verdade.” O livro de Malaquias e a epístola aos Romanos serviram, então, como base de suas exposições. Seguindo-se-lhes o Evangelho de Marcos, o livro de Jonas e a epístola aos Gálatas. Em 1692 as preleções versaram sobre as cartas dirigidas às sete igrejas da Ásia.

O rico negociante Kooruhert criticava, então, o calvinismo extremado, dominante na Holanda. Quem, por conseguinte, melhor credenciado para defendê-lo que o ex-aluno de Teodoro Beza? Aceita a tarefa, que era árdua, desincumbiu-se dela a contento, porém os estudos que para isso fizera, levaram-no a descobrir certas implicações sérias na doutrina da predestinação. E o resultado nem o poderemos prever: querendo apagar uma brasa, ateou uma fogueira, nela crestando as próprias mãos.

Em breve as discussões lhe tomaram tempo precioso, com prejuízos para seus estudos, seu pastorado e sua família. Os adversários não lhe davam descanso. Muitas vezes distorciam o sentido de suas palavras. Em 1591 tacharam-no de pelagiano.

Precisamos, no entanto, ser verdadeiros e dizer que, nessa época, suas novas idéias já não se coadunavam inteiramente com as da Igreja Reformada. Mesmo assim, continuava gozando da estima geral, tanto que, em 1594, as autoridades o chamaram para colaborar no plano de reforma das instituições educativas locais.

Tiago Armínio casou-se, a 16 de setembro de 1590 com Elizabeth Real, senhora distinta, preparada e de boa posição social, pois seu irmão Lawrence era juiz em Amsterdã. Ela sabia compreendê-lo e serviu-lhe de amparo nas horas amargas de sua vida, quer no meio de contendas e calúnias, quer nos momentos de enfermidade.

Uma prova da dedicação de Tiago e sua família para com os paroquianos e concidadãos, temo-la durante os terríveis dias em que mortífera praga se alastrou na cidade. Orando a Deus, sentiram que lhes pedia ficarem ali, ao invés de se afastarem do perigo. Escrevendo, nesta ocasião, ao seu amigo J. Uyttenbogaert, pastor da igreja de Haia, disse: [“Assim eu tenho-me encomendado e a minha vida à misericórdia divina, aguardando, diariamente, até que a requeira de mim... e isto faço com a mente quieta, tranqüila e imperturbável.”](#)

Em circunstâncias tão difíceis, Tiago Armínio tornou-se um modelo de abnegação; onde houvesse uma ovelha para ser socorrida, lá se encontraria ele. Caspar Brandt, seu biógrafo, conta, a propósito, o seguinte caso: achando-se o pastor, certa vez, num distrito pobre, ouviu gemidos fracos, partidos do interior de humilde moradia. Entrou e viu algumas pessoas que pareciam dominadas pela enfermidade e pela sede. Depois de as socorrer, deixou recursos em dinheiro com os vizinhos para lhes manterem a assistência. Dava assim provas de bom samaritano.

De outra feita, tratava-se de dois membros da Igreja: uma senhora e um varão. Atacados pela terrível peste, sentiam-se perturbados no espírito. Por quê? Indagou deles Armínio. Responderam-lhe que não tinham certeza da própria salvação. O pastor lhes falou, então, do grande amor de Deus, que mandou Seu Filho ao mundo para salvar a todos os pecadores, ilustrando o ensino com as Escrituras. [“Credes isso? - pois essa é a fé pela qual somos justificados e achamos paz em Deus.”](#) Os dois enfermos encontraram o conforto que anelavam, vindo o homem a falecer dias depois na maior tranqüilidade.

A pestilência grassou por outras partes da Holanda, abrindo mais claros onde a guerra já os deixara grandes. Leiden foi atingida. A universidade perdeu alguns de seus mestres ilustres. E quem os substituiria? O nome de Armínio foi lembrado para uma das vagas, efetivando-se, de fato, a escolha dele, após ter percorrido os competentes trâmites legais.

#### 4. ARMÍNIO: MESTRE E POLEMISTA.

Não era coisa fácil para Tiago Armínio deixar o seu rebanho. Amsterdã queria-lhe bem, estando ele já identificado com os habitantes. E, além disso, nunca aspirara a ser professor na Faculdade de Teologia. De outro lado, alguns colegas o consideravam elemento perigoso à formação das novas gerações de ministros.

Franz Gomarus era o principal deles. Criticava-o e lançava suspeitas sobre suas crenças. Foi isso que levou Armínio a recusar o convite. As autoridades públicas de Amsterdã também não o queriam ceder, por julgarem sua presença necessária à cidade. Foi quando, para discutir o caso, reuniram-se em Haia delegados de várias igrejas. O Rev. Uyttenbogaert tomou a defesa de Tiago, passando, em conseqüência, a ser elemento suspeito para muitos. Não contentes, estes apelaram para o chefe da Província, João Oldenbornveldt, para que, por

influência dele, os Curadores da universidade não o investissem no cargo. Os Curadores, porém, confirmaram a decisão.

Agiam mal, então, os inimigos, envolvendo o Estado em problema alheio à sua alçada. Afinal, a igreja de Amsterdã cedeu-o mediante acordo, nas seguintes bases: seria designado, primeiro, o seu substituto no pastorado; direito de retorno a Armínio, como pároco da igreja, se o quisesse; atender ao pedido de Armínio para tratar pessoalmente com Gomarus do problema. Caso as suspeitas permanecessem depois desta conferência entre ambos, o pastor recusaria o ingresso na Faculdade.

Armínio e Gomarus encontraram-se a 6 de maio de 1603, em Haia, na presença do Sínodo, conforme vontade do primeiro. O teólogo de Leiden começou logo atacando o pastor de Amsterdã, por discordar de sua suposta opinião sobre o capítulo VII de Romanos. Mas, depois de ouvir suas explicações, inteirou-se de que eram aceitáveis e não correspondiam ao que dele se propalava. Discutiram, também, outros pontos, replicando ele a todos com segurança. A reunião encerrou-se fraternalmente. Todavia ainda restava uma exigência a ser transposta quanto à investidura na cátedra. Armínio precisava submeter-se a exame de Teologia perante uma comissão e defender tese de doutoramento. É escusado dizer-se que se saiu bem em tudo. A tese versou sobre a natureza de Deus, e os julgadores foram Franz Gomarus, Hugo Grotius, jurista e teólogo, e Mérula, todos eles possuidores de respeitável cultura.

Empossado em seu novo cargo, Armínio procurou desempenhá-lo com eficiência e dignidade. Numa carta, datada de 22 de setembro de 1603, dizia tê-lo aceito, não para buscar honras ou riquezas e, sim, para servir o Evangelho de Cristo. Professores e alunos o apreciavam. Com estes insistia a que buscassem a verdadeira sabedoria nas Escrituras, exemplificando-o ele mesmo, diariamente. Escolheu o livro de Jonas para suas preleções. Mas não podia deixar de recorrer, também, ao Novo Testamento, para se fazer melhor compreendido. E isto foi o bastante para despertar o ciúme de Gomarus, pois considerava tal coisa uma intromissão em seu campo de ensino. O choque seria inevitável! Ambos representaram tendências diferentes. Gomarus era dos mais rigorosos calvinistas, enquanto Armínio adotava posição mais suave, sem, no entanto, cair no pelagianismo.

Do terreno pessoal passaram ao teológico; da Faculdade as discussões se espraiaram pelas igrejas e, em breve, por todas as partes, o problema da predestinação tornou-se o “prato do dia.”

Armínio não podia ser culpado pelas idéias de outros, inclusive dos alunos, mas seus contendores não pensavam assim e lhe atribuíam verdadeiros disparates. Que fazer, então? Quando possível, chamava-os para uma conferência pessoal, de modo a discutirem francamente o assunto em foco. Se alguém tivesse razões mais fortes e coerentes, aceitá-las-ia porque seu desejo era descobrir a verdade.



Um desses detratores foi o clérigo Festes Hommius. Reuniram-se os dois, convertendo-se aquele ao ponto de vista de Armínio. Outras vezes teve que sair a público para se defender, ou comparecer perante as autoridades, ou ainda, responder por escrito. Difamaram-no até no estrangeiro, especialmente na Alemanha, França, Inglaterra e Savóia. Sem querer, despertavam interesse por suas opiniões e o faziam conhecido.

A situação agravou-se a tal ponto que as autoridades acharam por bem reunir em Haia os dois principais contendores, Tiago e Franz Gomarus, com a presença de oito ministros das Províncias Unidas, quatro do sul e quatro do norte. A paz civil estava ameaçada e queriam saber o que havia contra Armínio. Era o que este desejava: ser acusado face a face e não como se fazia.

Gomarus compareceu e logo o atacou, afirmando que ensinava a justificação do homem perante Deus de modo estranho. Mas ele respondeu que sua opinião concernente ao assunto estava conforme a Igreja Reformada, pois cria que a justificação era pela fé, mediante a graça de Deus.

Havia, de fato, diferença entre ambos, porque Gomarus dava toda a ênfase à graça de Deus, mas negava o valor da fé como o elemento do lado humano. Armínio procurava conciliar as duas coisas. Por fim o Conselho achou que a controvérsia não era de muita importância. O essencial seria a tolerância mútua, desde que houvesse bom espírito nos dois. Gomarus, porém, carecia deste sentimento, motivo pelo qual muitos diziam: [“É preferível comparecer perante o tribunal divino com a fé do pastor Armínio do que com a caridade do teólogo Gomarus.”](#)

A maior dificuldade estava justamente na doutrina da predestinação, ensinada por Gomarus e pelos calvinistas mais rigorosos. No conceito de Armínio, a predestinação ia de encontro à natureza de Deus e a do homem, gerava o desespero, tirava o estímulo para uma vida de santidade e diminuía a importância do Evangelho. Contudo, de sua parte, a ninguém importava suas idéias; haveria paz. Gomarus, ao contrário, não perdia oportunidade para condená-lo, fosse na universidade, nos púlpitos ou perante os chefes das Províncias.

## 5. O FIM DA JORNADA.

A saúde de Armínio, abalada desde há muito, em meados de 1600 agravou-se ainda mais. Os estudos, as discussões e os deveres universitários exigiam maiores esforços do que ele realmente podia expender. Seus membros foram acometidos de langor, seu estômago mal tolerava os alimentos e ainda por cima, faziam-lhe padecer muito suas afecções hipocondríacas.

Viu-se obrigado, por isso, a retirar-se para a cidade natal e ali submeter-se aos cuidados de um médico. Durante este lapso de tempo, os amigos traduziram suas obras do latim para o vernáculo e escreveram algumas outras. O fogo da controvérsia se alastrou mais intensamente, obrigando-o a comparecer de novo

perante as autoridades civis e a discutir, mais uma vez, com Gomarus, chefe dos reacionários.

As discussões foram verbais, mas cada um teria que apresentar, depois, por escrito, as suas razões, para ulterior decisão do Sínodo a convocar-se para breve. A doença progrediu sem que os clínicos a pudessem atalhar. Para seus inimigos isto constituía prova evidente de castigo divino. Os amigos, no entanto, lamentavam os padecimentos de Armínio, o qual sofria tudo piedosamente e orava sempre pelos seus e pela Igreja. Repetia com fervor Hb 13.20-21:

“Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém.”

O Rev. Bartolomeu Proevostius, seu discípulo e, mais tarde, pastor em Amsterdã, dizia que o texto não mais lhe saía do pensamento.

Assistiram-no, também, durante toda a enfermidade, Simão Episcópio, Uyttenbogaer, Adriano Borrius, bons amigos e testemunhas de sua fidelidade a Jesus Cristo.

O testamento que deixou é um exemplo de fé e uma prova da sinceridade de seus propósitos. Nele declarava confiar a alma às mãos de Deus, a cuja presença iria sem temor, tendo a certeza de que O servira com simplicidade e lealmente, jamais se desviando de sua vocação. E acrescentava nada ter ensinado em sua consciência que fosse contrário às Escrituras. Sempre buscara a expansão da verdade cristã.

Afinal, a 19 de outubro, Tiago Armínio descansou em paz. Morreu como justo. Apenas com 49 anos. Sem dúvida uma grande perda e quem mais a sentiu foram os seus íntimos. De seus sete filhos, restaram-lhe só dois, pois quase todos já o haviam precedido no caminho do céu. Lawrence tornou-se negociante em Amsterdã e o outro, Daniel, ganhou reputação como médico.

Pedro Bertius, regente da Faculdade de Teologia, que presidiu à solenidade do memorial, disse de Armínio, no discurso: “Viveu na Holanda um homem a quem os que não o conheciam não o podiam estimar suficientemente; aqueles que não o estimavam jamais o haviam conhecido suficientemente.”

Domingos Band, Hugo Grotius e Daniel Heiusius, dedicaram ao amigo e mestre inesquecível significativos poemas elegíacos.

## CAPÍTULO III

### AS DOCTRINAS ARMINIANAS

Por mais original que alguém nos pareça, descobrimos, ao analisarmos suas idéias que elas refletem um conjunto de fatores e circunstâncias. Nunca brotam simplesmente da razão. Algo lhes estimulou o aparecimento. Isto para nada dizer do muito que se recebe por herança, direta ou indiretamente. Foi assim com os grandes pensadores, filósofos, moralistas, sociólogos, políticos, etc. E Tiago Armínio se inclui nessa regra.

As dificuldades gerais que os Países-Baixos enfrentaram durante algumas décadas do século XVI, calaram fundo em sua vida econômica, política, social, intelectual e religiosa. A guerra da independência, contra o domínio espanhol, intolerante, fanático, produziu verdadeira transformação entre os neerlandeses. De um lado desenvolveu-se o apego à liberdade, tanto civil como religiosa e do outro, fomentou a atividade comercial e intelectual. Aliás, segundo frisamos anteriormente, os germes de tudo isso já vinham de tempos passados.

Era natural que, em terreno como esse, desabrochasse também o espírito de tolerância. E de fato, vem os estadistas do porte de João Oldenbornveldt advogarem a absoluta liberdade de consciência para todos, fossem protestantes, romanistas, ou socinianos. Hugo Grotius pensava de igual modo. Coube, porém ao cidadão Dirk Koornhert atear as chispas da controvérsia que durante anos agitaria a Igreja Reformada dos Países-Baixos, influenciado, certamente, pela obra anticalvinista de Sebastião Castellio, publicada em 1578, a qual vinha exercendo considerável influência a favor da liberdade de pensamento.

Desde 1544 esse teólogo vinha atacando implacavelmente as idéias de Calvino, na Suíça. No conceito de Koornhert, todas as formas de religião deviam ser toleradas, mas, ao externar seu ponto de vista, feriu uma das doutrinas fundamentais do calvinismo, único sistema que o Estado favorecia.

Logo a seguir, em 1602, dois ministros de Delft aderiram ao seu modo de pensar, combatendo a doutrina da predestinação ensinada por Beza. Este mestre eminente, conforme dissemos, tinha ido mais longe do que o próprio Calvino, de sorte a descontentar alguns de sua confissão. Não se conformavam eles com que Deus decretasse, só por si mesmo, a queda do homem antes ainda de o haver criado. Isso fazia de Deus, como dizia João Kolman, um tirano e executor.

Havia, pois, nos Países-Baixos, uma corrente de moderados e tolerantes, a qual se filiavam negociantes, magistrados, teólogos e ministros evangélicos. Gaspar Kolhares, herói de Leiden, e Rudolph Snelius, patrono de Armínio, eram destes. Em meio da refrega, escreveu o teólogo Guillaume, professor em Leiden, um tratado no qual afirmava que, em matéria de religião, não deve haver constrangimento. Aí está, por conseguinte, uma síntese do espírito da época.

Ora, Tiago Armínio vivia nessa Holanda do século XVI, hospitaleira, liberal, de vistas largas, amante da liberdade, ciosa dos direitos de seus cidadãos, agitada, no entanto, pela força das armas e pela ação das idéias. Homem culto, sincero e de espírito elevado, não tardaria a esbarrar com o dogmatismo de sua Igreja.

A teologia eclesiástica tendia cada vez mais a sobrepor-se à teologia bíblica, em prejuízo da própria Escritura. Discordar das doutrinas já estabelecidas, importava em ato de quase heresia.

Duas delas constituíam como que verdadeiros dogmas: a da eleição incondicional (ou, supralapsarianismo) e a da graça irresistível. Sendo aquela atacada pelos ministros de Delft, ninguém estaria em melhores condições para defendê-la que o piedoso e culto Tiago Armínio. Este aceitou o convite, mas, à medida que estudava e discutia o problema, tanto mais se encaminhava noutra direção. Em resultado de tudo, acabou por ser considerado “o fundador da escola anticalvinista na Teologia Reformada.”<sup>1</sup>

Do supralapsarianismo passou ao infralapsarianismo, que ainda é calvinismo, porém mais suave. Teve, então, que defender-se, escrevendo diversas obras, onde espelhava o seu pensamento, as quais chegaram às nossas mãos como preciosas relíquias. Três dentre elas se destacam, todas de 1608, e são: “Carta a Hipolytus a Collibus,” “Uma Declaração de Sentimentos” e “Apologia.”

Em 1629 um dos filhos publicou as suas obras completas, tendo James Nichols traduzido-as do Latim para o Inglês, em 1853. Por elas podemos hoje avaliar as concepções religiosas de Armínio.

Vejamos, então, sem mais delongas, os respectivos pontos fundamentais.

## 1. A RESPEITO DE DEUS.

O calvinismo dava ênfase à doutrina da soberania de Deus, fazendo tudo depender de Sua excelsa vontade e de Sua onipotência. Por Sua vontade criou todas as coisas para um fim determinado, realizando-as através de Seu poder absoluto. Age, por conseguinte, como Lhe apraz e só Ele conhece seus desígnios. Se a uns destinou para a salvação e a outros negou tal privilégio, é porque julgou ser isto justo.

Armínio sustentava a soberania de Deus sem cair em rigorismo. Mas não concordava com que Ele determinasse os atos dos seres livres, e nem ainda que fosse inacessível à capacidade humana, tanto que os criara à Sua imagem e Se lhes revelara de muitos modos, no passado e, afinal, completamente, na pessoa de Seu Filho Jesus Cristo. A revelação é prova de Sua boa vontade para com os homens e da capacidade receptiva deles.

---

<sup>1</sup> Enciclopédia Britânica, vol II: pág. 386.

Uma coisa não pode ser boa porque Deus não quer que seja boa. É impossível ser assim, porque a justiça de Deus não permite. A predestinação, em vista disso, não pode ser ato de Deus, nem se exalta ao Criador, rebaixando-Lhe a própria criação.<sup>2</sup>

## 2. QUANTO À PREDESTINAÇÃO.

Como dissemos, foi o pomo da discórdia.

Teodoro Beza, sucessor de Calvino, Gomarus e outros sustentavam o calvinismo extremado. Para eles, Deus manifestara a Sua glória por um decreto eterno, segundo o qual tinha, em Sua misericórdia, escolhido determinado número de homens para a salvação, e deixado os restantes ao seu destino, que era a condenação. Segundo Albert Henry Newmam, no seu livro “A Manual of Church History,” Vol. II, pág. 339, são de Gomarus as seguintes expressões: “Deus considerou o homem, no decreto da reprovação, não como caído, mas antes da queda, e o próprio decreto da reprovação precedeu ao da criação.”

Aí estava a predestinação incondicional, estabelecida pela vontade e sabedoria de Deus, antes, até, que os mundos e os seres fossem criados.

Armínio viu as implicações de tal doutrina. Ao invés de glorificar a Deus, rebaixava-o e empobrecia a obra redentora de Cristo. A Cruz perdia seu valor transcendental e o homem não podia responder, de si mesmo, ao apelo do Salvador: “sim” ou “não.” Pois, segundo essa doutrina, Deus já havia predestinado, por Sua vontade, os que iam salvar-se, e só estes, de fato, se salvariam. A queda e a salvação decorriam por igual do plano divino. Todos os homens cairiam em Adão. Mas aos escolhidos o Criador concederia os meios de salvação e nenhum deles seria capaz de resistir à Sua graça. Crer, perseverar na fé e ser salvo seriam coisas para eles inevitáveis. Os demais ficariam à margem desse privilégio. Deus se tornava arbitrário e injusto. A Deus, portanto, cabia a culpa pela introdução do pecado no mundo e, também, a responsabilidade pela queda do homem.

Como conciliar tudo isso com a perfeição moral de Deus? Culpar ao homem por falta que lhe fora determinada, seria injustiça, quando a justiça é um dos fundamentos da glória de Deus. Nem Ele pode, por ato arbitrário de Sua vontade, salvar ao injusto, como não pode condenar ninguém independentemente de sua fé. Deus é sempre coerente consigo mesmo.

Armínio, por essa razão, voltou-se para o infralapsarianismo. Ou, melhor, aceitou a predestinação condicional. Deus só destinou após a queda, levando em consideração, por Sua presciência, a atitude do homem em face da tentação. Logo, a predestinação era consequência do ato humano e, de modo algum, o resultado de um decreto prestabelecido por Deus. E, assim, a queda realçava a importância e a responsabilidade da criatura sem deixar com o Criador toda a culpa.

---

<sup>2</sup> Newman, Albert Henry - A Manual of Church History, Vol II: pág. 339.

### 3. O HOMEM NO CONCEITO DE TIAGO ARMÍNIO.

O supralapsarianismo glorificava a Deus, anulando o homem: mas, quando Armínio se deteve a examinar melhor o problema, concluiu, com a Escritura, que a exaltação do Criador exigia a liberdade do homem. De Suas divinas mãos saíra um ser racional, feito, espiritualmente, à Sua semelhança, e não um autômato. Dotara-o com a capacidade de escolha e opção; fê-lo responsável pela conseqüência dessa escolha; deu-lhe disposições para conhecer a Deus e gozar a vida eterna. Bênção ou maldição, e recompensa ou castigo são o fruto de suas decisões. Por isso diz a Escritura: “Aquele que quiser,” “aquele que crer,” “faze isto e vive,” e “sê fiel e dar-te-ei a coroa da vida.”

Mas, admitida a predestinação absoluta, o livre-arbítrio torna-se impossível, porque a vontade já se acha determinada em seu exercício. Qualquer ordem dada ao homem, nestas condições, é contra-senso.

### 4. O PROBLEMA DO PECADO.

Se o homem quisesse, poderia manter-se no estado em que Deus o criara, mesmo em face da tentação. Era livre e tinha capacidade para Lhe obedecer. Todavia, agiu noutra direção, escolhendo, conscientemente, o mal, com o que se tornou pecador e, por isso, é responsável por sua falta. Só assim, realmente, o pecado é possível porque é desobediência voluntária. Daí a posição, claramente agostiniana, de Armínio, nesse sentido, quando fez suas as palavras do Bispo de Hipona: **“Pecado é de tal modo um mal voluntário, que não pode ser de forma alguma pecado até que seja voluntário.”**

Se, porém, a queda estava predeterminada, e forçosamente se cumpriria, o pecado deixa de existir, pois não houve livre escolha. O homem agiu sob o impulso de uma força irresistível, que no caso era a vontade soberana de Deus. Não pecara, de fato, por si mesmo. A culpa recaia sobre Deus.

Armínio estava longe de concordar com estas conclusões. Para ele o homem era responsável também pela transgressão, e o pecado, um fato irrelutavelmente real. Porque o homem era livre, pecara e, como pecador, merecia o castigo de sua má escolha. Deus podia chamá-lo a contas. Ninguém Lhe pode imputar suas próprias faltas. Cada um é senhor de seu destino. Aquele que se perde, perde-se por culpa sua.

O arminianismo, enaltecendo o valor do homem sem diminuir o caráter de Deus, deu, então, à obra divina um cunho ético de que se ressentia o calvinismo.

### 5. O DECRETO ETERNO DE DEUS.

Tiago Armínio, o ilustre teólogo de Amsterdã, também esposava a idéia de um decreto divino, mas o concebia de maneira muito diversa dos calvinistas. Era

um “decreto gracioso.” Por ele Deus resolvera, desde a eternidade, enviar ao mundo Seu Filho na qualidade de Salvador. Todos quantos cressem nEle e aceitassem Sua obra redentora, seriam justificados e salvos, mas quantos permanecessem voluntariamente em seus delitos e pecados, seriam condenados. Sua vontade, por conseguinte, era que todos cressem e fossem salvos. Por Sua culpa ninguém se perderia. Era a promessa do Evangelho.

Para Armínio, o homem salvava-se não porque tivesse sido eleito, e sim ao contrário. Por aceitar a Cristo como Salvador é que se tornava eleito. A eleição decorre da identificação do pecador redimido com a obra do Filho eterno de Deus.

Deus, em Sua misericórdia, já providenciou tudo que se fazia mister à salvação dos pecadores. E mais: pô-la ao alcance de quantos a quiserem. Resta, somente, a cada um, entrar na arca que Ele preparou. Se o homem quer, Deus o salva. Nem só o homem, e nem Deus só. São os dois cooperando para o mesmo fim. Todavia os arminianos, com exceção dos metodistas, parecem dar precedência à ação humana, com o que tendiam para o pelagianismo. O homem caminha para Deus e Deus vem ao seu encontro.

## 6. A OBRA DE CRISTO.

Tiago Armínio insistia em que a vida eterna se oferecia a todos os homens mediante a obra expiatória de Jesus Cristo. Ou melhor: a salvação era universal, porque Seu sacrifício fora de extensa amplitude. O Filho de Deus morrerá por todos os homens. Seu sangue bastara suficientemente para redimir toda a humanidade. Nele havia suprimento para todos os pecadores. A mais abjeta criatura tinha a sua salvação garantida através do Verbo divino, desde que se voltasse para Ele e O aceitasse de coração. Jesus jamais se recusaria a receber ao pecador arrependido.

Já, de igual modo, se não podia afirmar tal quanto à doutrina calvinista. Por ela, Cristo viera salvar aos que Deus de antemão escolhera para isso. Seu sangue beneficiava a esses somente. Aos reprovados o sacrifício não aproveitava. A obra expiatória limitava-se, por conseguinte, a um grupo apenas: os predestinados (para a salvação). Mas, segundo a posição arminiana, a possibilidade da salvação existe para todos e não depende de determinação (escolha) divina. A vontade humana é fator “sine qua non”: Cristo redime aos que O aceitam como Salvador. Isto é: salva aos que queiram ser salvos.

Armínio julgava a obra de Cristo, como admitida pelos calvinistas, um ato horrível da parte de Deus. Sim, porque tendo decretado a salvação de alguns, estes de qualquer modo seriam salvos, sem haver necessidade do sacrifício de Seu próprio Filho. Além disso seria prova de maldade, porque, podendo salvar a todos, não o quis. João Wesley, o fundador do Metodismo, diria, séculos depois, que tal atitude fazia a Deus pior que o diabo.

## 7. O LUGAR DA GRAÇA DE DEUS NA SALVAÇÃO DO HOMEM.



Ainda que o arminianismo realce o valor humano, não devemos confundir seu ponto de vista com o do pelagianismo, pois ambos se distinguem não só quanto ao conceito do homem, mas, também, quanto ao do pecado e da graça divina.

Pelágio ensinava que o pecado de Adão somente afetara a este, nascendo-lhe os filhos e, de igual modo, todos os demais descendentes, com idênticas possibilidades às que ele tivera antes de cair. A sua falta consistia, apenas, em mau exemplo para as gerações seguintes. Ninguém, portanto, nasce pecador, sendo verídico dizer-se que todos trazem consigo o dom da graça, ou seja: os meios inatos para atingir a salvação, caso se faça preciso. Aquele que cair, poderá reerguer-se por si mesmo. Deus já colocou à disposição de cada um os recursos para tanto. Pelágio, porém, concebia esses meios como disposições individuais e influências externas e não como auxílio pessoal de Deus, através do seu Espírito. Por exemplo: a leitura dos Evangelhos, a imitação do procedimento de Nosso Senhor, etc.

Armínio aproximava-se mais de Agostinho e, em muitos pontos, era agostiniano, de fato. Não aceitava fosse o pecado de Adão só de conseqüência individual, pois afetara a natureza humana e envolvera toda a raça. Todos caíram em Adão. Agora, só pela graça de Deus pode o homem regenerar-se e obter a salvação. Sem ela tudo é impossível ao pecador. “Sem mim nada podeis,” dissera bem Jesus. Todavia, Armínio discordava tanto de Agostinho como de Calvino, quando negava ter o homem ficado reduzido pelo pecado à inatividade. Houve algo que o homem não perdeu. Ainda lhe resta a capacidade de responder à graça de Deus e aceitá-la ou recusá-la. Noutras palavras: ainda possui liberdade e volição e, assim, é responsável por suas decisões. O homem ainda pode dizer “sim” ou “não” ao seu Criador.

Para Tiago Armínio a graça de Deus é a ação operante do Espírito divino junto ao homem. É dom gratuito e, como tal, não depende de qualquer mérito do homem. Deus a reparte a todos os Seus filhos. Admitia, contudo, que, excepcionalmente, alguém poderia deixar de recebê-la. Entretanto, nenhuma pessoa é forçada a aceitá-la. A graça celestial pode, sim, ser recusada pelo homem, segundo as seguintes passagens bíblicas: “E estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado” (Hb 12.5), e em Mt 23.37 as significativas expressões do lamento de Cristo sobre Jerusalém: “Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” Em Lc 7.30, lê-se: “Mas os fariseus e os intérpretes da lei rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus, não tendo sido batizados por ele.” No conceito de Armínio a graça pode também ser resistida, conforme a defesa de Estevão perante o Sinédrio: “Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo: assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis” (At 7.51). Igualmente, a graça de Deus pode ser recebida em vão, nos dizeres de Paulo: “E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebais em vão a graça de Deus” (2Co 6.1).



Se o pecador concorda em receber o auxílio divino, Deus o coloca em nova condição. Novas perspectivas se descortinarão à sua frente. O caminho da glória eterna se abrirá perante seus olhos. Mas é apenas o caminho. A glória só se encontra no término. Importa, pois, palmilhá-lo até ao fim. O homem tem que se mover e pisar, às vezes, cardos e pedregulhos ferinos. Sobrevir-lhe-ão tristezas e seduções. Porém, sempre que deseje prosseguir, sentirá que não se encontra sozinho: Jesus, o Salvador compassivo, caminha a seu lado e lhe revigora as forças. Jesus nunca desampara aos que se acolherem à Sua sombra amiga. Se quiserem vencer, jamais lhes faltará o auxílio de Deus, através do Seu Filho.

E, deste modo, já entramos na doutrina da perseverança cristã.

## 8. A PERSEVERANÇA MISTA.

Definamo-la, para melhor a compreendermos. Entende-se, por essa doutrina, que o crente em Jesus, uma vez regenerado, jamais cairá da graça divina, vindo a perder-se de novo. A assistência de Deus é de tal modo eficiente que ele será mantido no caminho e salvo por fim. Nada o arrebatará de Suas mãos. Conforme Jo 10.27-29; Rm 11.29; 2Tm 1.12; 2Tm 4.18 e outras passagens. Era o ponto de vista dos supralapsarianos e o é, ainda, sobretudo, das igrejas reformadas ou calvinistas.

É interessante que Agostinho, sendo predestinista, esposou idéia bem contrária, admitindo que até o eleito podia cair e ser condenado. Os arminianos, luteranos, quaquers, metodistas e outros adotam mais ou menos esta última posição. Todos concordam em que a perseverança não depende exclusivamente de Deus. O crente necessita fazer a sua parte, porque a divina o será sempre. E a base se encontra em textos, como Mt 24.12-13: “E por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.” Em Cl 1.23 está dito: “Se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.” Dando conselhos a Timóteo, Paulo diz: “E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado, evitando os falatórios inúteis e profanos, e as contradições do saber, como falsamente lhe chamam, pois alguns professando-o, se desviaram da fé.” (1Tm 6.20-21). Outras passagens que se devem examinar, encontram-se em Rm 9.6; 2Tm 2.17-18; 2Tm 4.10; 2Pe 2.1-2; Hb 2.1; Hb 3.14; Hb 6.4 a 6, e vs. 11; 1Jo 2.6, 9 e 19; e Ap 3.1 a 3.

Armínio parece ter sido mais consistente que os seus seguidores, visto que eles deram maior ênfase à vontade e aos esforços do homem, com o que tendiam para o pelagianismo. Foram, por conseguinte, ainda mais liberais do que o mestre.

Tiago Armínio nunca sistematizou suas doutrinas. Expô-las segundo as circunstâncias e só com vistas a determinadas questões e pessoas. Jamais pensou, certamente, em escrever uma obra de Teologia Sistemática, e doutrinas houve, conhecidas agora como arminianas, em que nem sequer pensara. Isso foi obra de

seus discípulos, alguns dos quais figuram entre os mais notáveis pensadores dos Países-Baixos, podendo enquadrar-se ao lado dos maiores teólogos da Igreja.

É difícil, mesmo, julgar a quem dar a primazia e crédito, se a Simão Episcópio, autor da primeira confissão de fé arminiana, constituída de vinte e cinco capítulos, e, ainda, uma Apologia e uma Institutiones Theologicae, ou se a Philip van Limborch, professor no Ginásio arminiano de Amsterdã e redator da mais completa exposição da doutrina de Armínio, em sua “Theologia Christiana,” ou, ainda, se a Stephen Curcellaeus ou a John Le Clerc.

Foram esses os continuadores do inolvidável mestre da Universidade de Leiden e iniciador de um dos movimentos que maior influência têm exercido na vida da humanidade: Tiago Armínio, Arminius, ou Hermanns.

## CAPÍTULO IV

### ORGANIZAÇÃO E DIFUSÃO DO ARMINIANISMO

Com a morte de Armínio o movimento não cessou. As idéias nem sempre desaparecem com os seus genitores. Muitas vezes é depois que adquirem maior força, se encontram quem as incorpore à própria vida. Foi o que se passou na Holanda com o arminianismo.

Amigos e discípulos levaram-no adiante. Homens, conforme já frisamos, da envergadura de Oldenbornveldt, Hugo Grotios, Johan Uyttendogaert, que era o mais íntimo de Armínio, e Simão Episcópio, seu sucessor em Leiden. Muitas pessoas de projeção e mais de uma dezena de pastores se incluíram, desde logo, entre os adeptos.

Assim, a controvérsia prosseguiu, cada vez mais acesa, agitando os Países-Baixos, envolvendo, também, a política, em razão das afinidades que havia do Estado com a Igreja Reformada e do próprio caráter do movimento. Acontece que Oldenbornveldt, além de simpático ao arminianismo, defendia o regime republicano, enquanto que o príncipe Maurício de Orange pugnava pelo nacionalismo centralizador e era supralapsariano. O arminianismo advogava a tolerância e a liberdade religiosa, ao passo que o calvinismo tendia para o dogmatismo e era pouco democrático. Aquele procurava realçar o valor do homem, ao passo que este exaltava a soberania de Deus. Como se poderiam, então, nessas condições conciliar os dois pontos de vista?

Iam as coisas em tal pé, quando Oldenbornveldt, chefe da Província de Holanda, pediu aos seguidores de Armínio, isto em 1610, preparassem uma declaração de sua fé, a qual veio a ser conhecida como “Representação,” a fim de ser apresentada ao Governo, para, desse modo, conseguir fossem tolerados, pelo menos. Daí, também, a denominação que se lhes deu de “Representantes.”

Redigiram, pois, o célebre documento, nele expondo os cinco pontos fundamentais, seguintes, por nós assim resumidos:

1) Deus, por meio de um decreto eterno e imutável, resolveu salvar, através de Jesus Cristo, a todos que O aceitassem como Salvador e Lhe fossem fiéis até ao fim, e condenar aos que vivessem alienados dEle, conforme Jo 3.16: “Por que Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

2) Jesus é o Salvador do mundo, havendo efetuado um sacrifício por todos os homens e em particular, pelo indivíduo. A redenção é universal. Mas só se salvam os que se arrependem e crerem nEle.

3) Ninguém pode, por si só, fazer qualquer bem ou atingir a salvação.

4) O pecador necessita da graça de Deus, sem a qual nada lhe é possível; todavia, ela não é irresistível.

5) Deus, por Sua graça, assiste ao crente e o ajuda a tudo vencer, caso deseje o auxílio divino e não permaneça inativo.

Os calvinistas retrucaram com uma “Contra-Representação.” A polêmica se amargou. Os contendores perderam a serenidade. Os argumentos já não tinham eloquência bastante. Irmãos pela crença e pelo sangue se entregaram à luta armada, legando-nos exemplo dos mais tristes.

Afinal, Maurício venceu, apoiado pelos calvinistas, mas, dialeticamente os arminianos permaneceram de pé. Ninguém os derribou, embora Oldenbornveldt fosse decapitado na prisão e Grotius tivesse de exilar-se da pátria.

Já quase senhor da situação, dá o príncipe de Orange, na qualidade de Stadtholder dos Estados Gerais, inteira solidariedade ao Sínodo que se acabava de convocar, pretendendo, por esse meio, unificar, também, a administração religiosa.

A magna assembléia teve lugar na cidade de Dort durante sete meses (13 novembro de 1618 a 9 de maio de 1619), e nela estiveram presentes 84 teólogos e 18 delegados seculares. Diversos governos civis, onde o protestantismo do tipo Reformado fora admitido, mandaram representantes: a Inglaterra, o Palatinado, Hesse, Suíça e Bremen. Deixaram de comparecer os da França e Brandenburgo.

À frente do partido arminiano achava-se Simão Episcópio, seu principal guia teológico desde a morte de Armínio. Eram quatorze, com ele, mas nem todos tinham direito a voto. Aliás tomaram-se providências para que os considerados heterodoxos perdessem a habilitação para o conclave. O próprio Sínodo se dispusera a manter seus padrões e a subjugar a “heresia” dos Representantes (arminianos). Pouco se poderia esperar em face disso. E, de fato, conquanto fosse belíssima a exposição doutrinária de Episcópio, os adeptos do arminianismo foram tachados de hereges e confirmada a “Contra-Representação,” a “Confissão Belga” e o “Catecismo de Heidelberg.”

Os ministros arminianos tiveram que optar entre o “Ato de Cessação,” que os obrigava a silenciar quanto às suas crenças, e o exílio. O interessante é que se queria extinguir a fogueira, espalhando-lhe as brasas, sem se perceber que elas iriam continuar a arder noutros lugares. Iam levá-las para o estrangeiro, onde também germinariam. Inclusive delegados das nações, presentes ao Sínodo, acolheram com simpatia a bem fundamentada defesa das idéias arminianas.

Quando, mais tarde, após a morte de Maurício, ocorrida em 1625, os exilados regressaram à pátria, o movimento já havia ganhado maior amplitude. E as autoridades tratam, daí em diante, com mais clemência aos adeptos do arminianismo, facultando-lhes o privilégio de edificarem igrejas para si e de terem as suas escolas particulares.

Amsterdã e Roterdã tornaram-se, então, os seus centros principais. Naquela estabeleceram um seminário teológico para o preparo de ministros, e em cujas cátedras se assentaram os ilustres Episcópio, Limborch, Curcellaeus, Le Clerc, Cattenburg e outros.

Organizando-se em comunidade eclesiástica, os arminianos adotaram o sistema presbiteriano como forma de governo. Consta, no entanto, que alguns ministros se inclinavam, preferentemente, para o regime episcopal, conforme existia na Igreja da Inglaterra (Anglicana).

Episcópio redigiu uma Confissão de Fé, destinada a servir de padrão doutrinário, mas nenhum pastor era obrigado a aceitá-la ou a prestar-lhe juramento. A tolerância do arminianismo via-se refletida aqui mais uma vez, e ainda depois se afrouxou paulatinamente, com grandes prejuízos para o sistema.

O progresso do arminianismo foi pequeno nos Países-Baixos. É que seu rival, o calvinismo, já se havia radicado fortemente nas províncias do norte, quando ele despontou ali, estava melhor organizado e contava com o apóio do Estado. Não o poderia desalojar, assim, tão facilmente. Mas, também, este, foi impotente para eliminá-lo. Ainda hoje se mantém lado a lado, se bem que o número de suas congregações e de seus pastores seja reduzido. A Igreja Reformada conserva a predominância.

Contudo, no estrangeiro, a influência do arminianismo se acentua dia a dia e nos mais variados setores. Em diversos países, onde o calvinismo teve épocas de esplendor, perdeu muito de seu brilho com a introdução das idéias arminianas, especialmente na Inglaterra, EUA e outras partes. Além disso, obrigou, por mais de uma vez, certos teólogos afeiçoados ao calvinismo a lhe suavizarem algumas arestas, tal como sucedeu com Amyraldus, na França; Richard Baxter, na Inglaterra, e Natanael Taylor, nos Estados Unidos, chegando todos eles, como veremos, a criarem novos sistemas teológicos.

## O ARMINIANISMO NA INGLATERRA

Na Inglaterra o arminianismo se introduziu de maneira interessante. Entre os presentes ao Sínodo de Dort, achava-se o clérigo John Hales, de Eton, professor de grego em Oxford, desde 1612. Contou ele mesmo que, ouvindo o arrazoado de Simão Episcópio sobre Jo 3.16, quando defendia naquele conclave a doutrina dos Representantes (arminianos), despediu-se de Calvino, ou seja, de sua doutrina, com um adeus. Regressando à pátria, tornou-se lá defensor ardoroso do arminianismo. Novos simpatizantes surgiram, não obstante anglicanos e calvinistas lhes movessem oposição. À corrente de tendências arminianas, que se vinha desenvolvendo no país, independentemente da continental, graças sobretudo às idéias do pregador Pedro Raro (1531-1599), de Cambridge, juntava-se, agora, a de John Hales.

A partir de meados do século XVII o impacto do arminianismo sobre a teologia da Igreja Anglicana fazia-se sentir, por isso, com maior realce.

Tendo permanecido fiel à teologia romanista até à ascensão de Eduardo VI, a Igreja da Inglaterra abraçou, a seguir, por algum tempo, o luteranismo, aderindo, afinal, ao calvinismo, para depois manter-se entre o protestantismo e o romanismo. Cannon diz bem do espírito anglicano, quando declara: “O anglicanismo foi um teto que agasalhou muitas opiniões.”<sup>1</sup> Não se devia estranhar que o arminianismo achasse lugar ao lado das demais concepções e costumes adotados pela referida Igreja; naturalmente à custa de reações e contratempos. Por exemplo, quando, em 1595, Pedro Baro levantou a sua controvérsia, a oposição respondeu-lhe com os “Artigos de Lambeth,” fortemente calvinistas. Já o mesmo não aconteceu no reinado de James I, ao tempo de William Laud, bispo de Londres e arcebispo de Cantuária, a partir de 1633. Como líder dos anglicanos, moveu Laud tenaz campanha contra o calvinismo. Na discussão que, em 1622, sustentou contra o jesuíta Fisher, revelou suas inclinações para o arminianismo, dando à fé uma interpretação racional, de sorte a fazer do homem operante com Deus na obra de sua salvação. Tanto quanto lhe permitiam as funções episcopais, obteve que o rei Carlos I pusesse à frente das paróquias clérigos de tendências semelhantes às suas, mas tão arbitrários se tornaram os dois, por fim, e a tal ponto descontentaram principalmente os calvinistas, que estes, sob a direção de Oliver Cromwell, executaram a ambos e organizaram um governo republicano.

É daí em diante que o arminianismo ganha terreno, absorvido, em parte, pelos anglo-católicos e, em parte, pelos latitudinarianos, assim chamados os primeiros por suas simpatias romanistas e os últimos, pela importância que davam à razão nas discussões religiosas.

Os dois grupos pertenciam à Igreja Anglicana, um a High Church, o outro a Low Church, ou se quisermos: à Alta e à Baixa Igreja. Os latitudinarianos, embora protestantes mais ortodoxos, de modo algum, desejavam na Igreja, um calvinismo rígido e por isto, vieram a ser cognominados de “Arminianos de Cambridge.” Ao primeiro grupo pertenceram Hooker, Laud, Lancelot Andrews, e ao segundo, ao qual, até certo ponto se pode considerar arminiano, Lord Falkland, John Hales, Chilling Worth, Jeremias Taylor, Whichcote, Cudworth, Wilkins e outros, diversos dos quais filiados aos Platonistas de Cambridge.

É importante lembrar, ainda, a posição que nessa mesma época tomou o puritano, dissidente, Richard Baxter (1615-1691), esforçando-se por conciliar o calvinismo e o arminianismo.

O Bispo Burnet, em 1699, deu novo impulso às tendências arminianas, quando publicou sua obra “Exposição dos Trinta e Nove Artigos,” dedicada ao rei Guilherme III. Nela, ao interpretar o Artigo XVII, que tratava da Predestinação, deu-lhe sentido arminiano e lhe atribuiu igual validade ao calvinista. Quer dizer que

---

<sup>1</sup> Cannon, W. Ragsdale - The Theology of John Wesley - Abingdon, Cokesbury Press - New York, Nashville - Pág. 32.

tanto importava um quanto o outro. Ambos podiam ser aceitos. Havia lugar na Igreja para as duas posições.

Já no século seguinte o reduto arminiano se apresenta na vanguarda. O quadro tem, agora, novo aspecto: os “Trinta e Nove Artigos” são, ainda, calvinistas, mas o clero anglicano, de modo geral, é arminiano em suas concepções. É bom lembrarmos deste fato, visto que o futuro organizador do metodismo viveu nesse século e fazia parte do ministério da igreja oficial (Anglicana). Os wesleyanos não seriam, pois, os únicos a abraçar o arminianismo. À mesma linha de pensamento se filiam os Batistas Gerais, da Inglaterra; os Quaquers; os Batistas Livres, dos Estados Unidos da América; os Representantes, da Holanda; a Igreja Presbiteriana Cumberland, dos EUA; e outros mais.

### O ARMINIANISMO NA FRANÇA

Na França também o arminianismo repercutiu muito cedo, como bem comprova a posição tomada por alguns professores da Academia de Saumur, onde se ensinava, antes, a teologia de Calvino. A partir de 1633 contava essa faculdade em seu rol, diversos mestres notáveis, dentre os quais se destacavam Louis Capellus, Moysés Amyraldus e Josué Placaeus. Não se conformando eles com o calvinismo puro, adotaram ponto de vista medianeiro, entre a doutrina da Igreja Reformada e a dos arminianos, tornando-se conhecido por calvinismo universalista ou hipotético.

Dois pontos eram fundamentais nesta nova concepção teológica: o da ação do Espírito divino e o da Graça. Entendiam os seus autores que Deus não agia coercitivamente sobre os sentimentos do homem, mas sim atuando, primeiramente, sobre o intelecto e, então, através deste, sobre a alma. O intelecto, uma vez esclarecido, é que levava a alma à regeneração. Deus era a causa primária da salvação. O homem, porém, tinha a sua parte; merecia certa consideração. O segundo ponto, referente à Graça, teve em Amyraldus o mais ardoroso defensor. Ensinava esse mestre da Academia de Saumur a interessante concepção da existência da Graça universal hipotética, que ele expressava na seguinte linguagem: há em Deus o desejo (*velleitas*, *affectus*) que todos se arrependam e sejam salvos (arminianismo), mas por um motivo qualquer a Graça não é cedida a todos (calvinismo). Para tanto Deus enviou Seu Filho ao mundo, mas as condições exigidas são um óbice a que todos participem da salvação.<sup>2</sup>

Há em Amyraldus um idealismo universalista ao lado de um particularismo calvinista acentuado. A salvação é universal apenas hipoteticamente, ao passo que o número dos salvos é limitado, porque nem todos recebem a Graça. Apesar disto o ilustre professor de Saumur teve que defender sua doutrina, considerada inconsistente com os padrões da magna assembléia de Dort, porquanto dois sínodos nacionais assim o entendiam.

---

<sup>2</sup> Hagenbach, Dr. K. R. - A History of Christ. Doctrines - Vol III: págs 108, 109.

Todavia um discípulo, Claude Pajon, professor em 1666 na mesma escola, não só continuou a sustentar as idéias de Amyraldus, mas avançou ainda mais, ensinando que a operação do Espírito sobre o intelecto também se faz por meios externos, tais como os evangelhos, as circunstâncias, etc.

Na Inglaterra adotaram posição mais ou menos semelhante à de Amyraldus, Wardlaw, John Brown e James Richards e nos EUA alguns teólogos da Nova Inglaterra, como Emmons, Taylor, Park e Beman.

## O ARMINIANISMO NA ALEMANHA

E que diremos da Alemanha, berço do protestantismo e de tantos pensadores eminentes? Se quisermos, podemos recuar aos tempos da Reforma. Começamos pelo inolvidável Philip Melanchton, amigo íntimo de Lutero e seu coadjutor na célebre Confissão de Augsburg. Nenhum outro viveu tão perto do coração do grande reformador e nem melhor lhe secundou os esforços naqueles tempos da agitada carreira. Hão de ser colocados sempre na lista das grandes amizades.

Melanchton, não obstante, era quatorze anos mais novo do que Lutero, provinha de família bem dotada e recebera educação mais aprimorada. Duas pessoas, portanto, de idades e psicologias diferentes. Mas os dois se completaram. A calma de Melanchton se contrapôs muitas vezes à impetuosidade de Martinho Lutero, ao passo que o conservantismo do ex-monge de Wittenberg salvou o companheiro de descambar com o seu liberalismo para situações perigosas, tal como sucedeu em Augsburg ao discutir com os teólogos romanos, por ordem do imperador Carlos V, os termos da confissão doutrinária do protestantismo alemão.

Ninguém pode imaginar que rumo tomaria o movimento luterano sem o auxílio de Philip Melanchton.

Lutero e Melanchton se davam muito bem. Note-se, porém, que suas teologias divergem em alguns pontos. Melanchton, por exemplo, em seu conceito sobre a Igreja enfatizava a importância da razão, e por isso é ela constituída dos que aceitam a verdadeira doutrina do cristianismo. Para Lutero a Igreja é a comunhão dos fiéis. Melanchton pensava da Santa Ceia como símbolo do sacrifício de Cristo, recebendo-O apenas aqueles que tivessem fé nele. Lutero, no entanto, era realista, embora rejeitasse a transubstanciação. Outro ponto é o que diz respeito à salvação do homem: Martinho Lutero colocava o homem na inteira dependência de Deus, enquanto que o companheiro e amigo também exigia a participação da vontade humana. No conceito de Melanchton três elementos concorriam para se efetivar a salvação: o Espírito Santo, a verdade bíblica e a vontade, sendo que o Espírito é a causa eficiente, a Palavra é o meio para alcançá-la, mas, depois de tudo, sem o exercício da vontade, o homem não a consegue. É o que se chama de “sinergismo.”



Algumas das idéias de Melancthon provocaram depois verdadeira agitação na Alemanha, dividindo a Igreja em duas alas: os conservadores e os filipistas ou sinergistas. As controvérsias somente cessaram em 1580, com a “Fórmula de Concórdia,” e uma delas foi, exatamente, sobre a predestinação. Afinal, a questão ficou definida nesse documento, do seguinte modo: “É da vontade de Deus salvar a todos. A Sua Graça é universal. Entretanto Ele salva apenas aos que aceitarem a Cristo. Deus salva em consideração aos méritos de Cristo.” O calvinismo, então, mais uma vez, cedia caminho.

Pouco depois a controvérsia volta a ativar-se com a chegada à Alemanha do suíço Samuel Hubber. Obrigado a deixar a pátria por causa de seus conceitos anti-calvinistas, filiou-se à Igreja Luterana, servindo como pastor em Tubinga e, a seguir, como professor da Universidade de Wittenberg. Logo se pôs a ensinar a doutrina do absoluto universalismo: Deus desde a eternidade elegera todos os homens para a salvação, mesmo sem levar em conta a fé. Ora, isto, era demais, contrariando até o espírito da “Fórmula de Concórdia.” Em consequência, dois colegas saíram a campo e lhe rebateram as idéias.

Até no seio da Igreja Católica Romana se discutia o momentoso problema do livre arbítrio e da parte do homem na sua salvação. Dominicanos (tomistas) e Franciscanos (scotistas) nele se envolveram. Reacendem-no ao tempo da Reforma, Michael Bajus e seus colegas também scotistas, todos favoráveis à participação do homem, ao passo que os oponentes se firmavam em Santo Agostinho. Quando os jesuítas quiseram fazer o mesmo, Cornélio Jansen, bispo de Ypres, e mais alguns companheiros da abadia de Port-Roial se levantaram em defesa da doutrina da salvação exclusivamente pela graça, conforme a acreditavam esposada por aquele teólogo norte-africano (Agostinho). E o resultado veio de pronto: uma pertinaz perseguição movida pelos influentes jesuítas contra os jansenistas, a qual colimou com a fundação, por estes, de nova instituição eclesiástica, independente de Roma: a Velha Igreja Católica, dos Países-Baixos. Após o Concílio do Vaticano (1870), um novo ramo se destacou da Igreja Romana, por causa do dogma da infalibilidade papal, unindo-se à Velha Igreja Católica.

## O ARMINIANISMO EM TEMPOS DE RENASCENÇA

Agora, podem os leitores compreender melhor por que escrevemos algures a respeito de Armínio, dizendo que suas idéias refletiam um complexo de fatos e de circunstâncias. É que havia por todas as partes o desejo de valorizar o homem. Agostinianismo e calvinismo já não se coadunavam com a época. A Renascença, as descobertas e a própria Reforma tinham proporcionado novas luzes. Outros horizontes se descortinavam aos homens. O arminianismo encontrava solo propício!

Mas, para não sermos parciais, queremos esclarecer, ainda, que o arminianismo foi além dos Países-Baixos e não se limitou, simplesmente, ao campo teológico. Sua influência calou na Filosofia, na Ciência do Direito, na Política e no terreno da prática, prestando desse modo valiosíssima contribuição à humanidade.

Hastings adverte que nem sempre o fez diretamente, mas serviu-se de um meio. Foi o caso, por exemplo, da Filosofia. O veículo que lhe levou o arminianismo foi o pensamento religioso. E explica-se: durante o século XVI a atividade teológica predominou sobre a Filosofia, dando-se o contrário no século XVII, porém a base estava no XVI. E o arminianismo contribuiu com a sua parte. Realçando a capacidade do homem, podia mais facilmente aliar-se à investigação, à crítica e, enfim, ao avanço científico. Por isso vemos a filosofia cartesiana ser perseguida na Holanda pelos calvinistas ortodoxos, ao passo que o arminianismo a favorecia.<sup>3</sup>

Eis o que a respeito escreve Van Gelder: “O calvinismo, que dominava as universidades neerlandesas, não tolerava as idéias divergentes, nem filosóficas, nem físicas. Assim, então, por seu espírito conservador, a religião oficial era causa para que muitos sábios se conservassem longe das universidades. A filosofia moderna não era de todo tolerada pelos professores calvinistas: Descartes e Spinoza sofreram a experiência.”<sup>4</sup>

Tão rígida posição soava mal até no seio da Igreja Reformada, revoltando a indivíduos bem formados, como o teólogo Johannes Cocceius (1603-1669). Na controvérsia que este manteve com Voetius, o governo teve novamente que se envolver. Cocceius foi, também, um dos autores da Teologia Federal, cuja finalidade era, outrossim, a de suavizar os rigores do calvinismo.

O arminianismo possuía tendência para a moderação e a tolerância, harmonizando-se facilmente com o espírito da época. Encontramo-lo, por esse motivo, aceitando a contribuição humanística da Renascença, favorecendo o uso da razão, sem descuidar o valor da ética e da revelação divina. Pôde assim, livrar-se de cair tanto no racionalismo como no humanismo puro. Na Holanda soube compreender Descartes. Na Inglaterra amparou os latitudinarianos em seus vôos arrojados. Na Alemanha serviu de inspiração a Kant e a Schleiermacher, deixando marcas indeléveis em seus sistemas.

Sabemos da importância que Tiago Armínio dava à capacidade e à responsabilidade do homem. Pois bem: a ênfase dada pelo grande filósofo de Stuttgart à natureza moral do homem é reflexo da influência arminiana. E o mesmo se pode afirmar quanto ao teólogo Schleiermacher. Hastings, a quem recorreremos mais uma vez, informa-nos que “Schleiermacher, na sua doutrina da absoluta dependência de Deus, reflete Calvino, ao passo que, na importância dada ao sentimento religioso, segue Armínio.”<sup>5</sup>

No setor dos direitos do homem, o arminianismo foi além do argumento teológico. Advogou a liberdade de consciência, ensinando o respeito mútuo. Todos são iguais perante a lei e perante Deus. Há direitos que ninguém pode tirar ao ser humano. Daí, verificarmos, dentro da própria Holanda, os arminianos batendo-se

---

<sup>3</sup> Hastings - *Encycl. Of Relig. And Ethics* - Vol I: pág. 807.

<sup>4</sup> Van Gelder - *Histoire des Pays-Bas* - Pág. 78.

<sup>5</sup> Hastings - *Op. Cit.* - Pág. 807.

pelo regime republicano. É ao grande jurista Hugo Grotius que se deve a fundação do direito internacional. Recebendo dos antigos filósofos e juristas os conceitos de “jus naturale” e “jus gentium,” fê-los passar pelo crivo do arminianismo e, assim, os incorporou à política, como norma para as nações. Há direitos naturais e os há convencionais: estes são criados pelos homens, aqueles nascem com eles.

O arminianismo chamou a atenção para a dignidade humana. Deu ao homem senso mais claro do seu próprio valor, realçando seus deveres e suas possibilidades. Fê-lo mais cômico de sua co-participação na obra de Deus. Incentivou-o a melhor compreender o próximo e a interessar-se por seus problemas. Porque, se o destino a ninguém é imposto, a situação de qualquer um pode ser modificada. Visto que, igualmente, Cristo deu Sua vida por todos, a salvação é universal. Todas as raças necessitam do Evangelho. É dever, portanto, dos cristãos levarem as Boas Novas a todos os recantos da terra. Por isso afirma Hastings, com muito acerto, falando do arminianismo: [“Com o espírito humanitário que evoca, deu impulso às Missões Estrangeiras.”](#)

É verdade que a Igreja dos Representantes (arminianos) quase nada fez neste sentido, mas quando o espírito missionário se incorporou noutras denominações, o trabalho evangelístico tomou incremento. Ao arminianismo ainda faltava alguma coisa. Como sistema de doutrina apresentava muitos aspectos bons. Mas não basta só a doutrina. O metodismo de João Wesley avantajou-se-lhe por lhe dar a objetividade de que decarecia. Trazendo fogo no coração, tornou-se prático, dinâmico e ardoroso. São os fatos que o comprovam.

O que devemos, então a Tiago Armínio, é impossível calcular. Há muitas coisas valiosas que escapam aos números e elas são, geralmente, as mais importantes. Não seremos injustos, pois, se o colocarmos entre os maiores benfeitores que a humanidade tem conhecido. Sua vida, exemplo e doutrinas continuam a produzir frutos. Contá-los todos, no entanto, só ao Supremo Deus compete.

## CAPÍTULO V

### A GÊNESE DO ARMINIANISMO WESLEYANO

#### 1. A SITUAÇÃO NA IGREJA ANGLICANA.

Ser-nos-á fácil compreender a posição que o fundador do movimento metodista, João Wesley, tomou, com relação ao arminianismo, se nos lembramos que ele nasceu dentro da Igreja Anglicana, no começo do século XVIII e pertenceu à Igreja Anglicana até ao fim de sua vida (1703-1784).

Naquela época os Trinta e Nove Artigos de religião continuavam sendo o padrão doutrinário, calvinistas em sua natureza, porém a interpretação que deles se fazia, já era predominantemente arminiana. A transição que nesse sentido se vinha realizando datava de Richard Hooker (1586) e de Pedro Baro, mas ao tempo da ascensão do rei George I (1714-1727), estava quase concluída.

Desde Hooker, portanto, os teólogos tentavam conciliar a doutrina calvinista da graça com a das obras, esta segundo a Igreja Católica, e a consequência resultava em evidente aproximação do arminianismo. A melhor prova disso encontra-se, sem dúvida, na obra escrita pelo bispo George Bull: a Harmonia Apostólica. Tão bem se saíra no empreendimento o preclaro (ilustre, brilhante) eclesiástico que ela veio a tornar-se clássica e a gozar de grande aceitação na Inglaterra. Muitos ministros a tinham em suas bibliotecas, pautando pela referida obra as suas idéias. A teologia de George Bull generalizou-se, pois, no seio da Igreja oficial e para termos uma noção da mesma, daremos, a seguir, breve apanhado: Jesus Cristo, por Sua obra expiatória, é o Salvador dos homens, mas cada qual tem a sua parte a fazer, procurando ativamente reformar a própria vida. Se cada um agir desse modo, tornar-se-á capaz de receber os méritos da expiação. Fé e obras são identificadas numa só finalidade. A justificação é pela fé e pelas obras. São dois aspectos de uma só realidade. Nem Paulo se opõe a Tiago e nem Tiago a Paulo. No conceito do bispo Bull, a fé inclui todas as obras da piedade cristã. A fé não se limita só a aceitar como válidos os ensinamentos do Evangelho: envolve, também, o desejo de ser bom e de fazer o bem. Noutras palavras: a fé passa a ser ato do próprio homem.<sup>1</sup>

A justificação exige, igualmente, a co-participação do homem. Deus considera ao transgressor como justo, livre da pena, desde que este assim queira. Ou, melhor, Deus o perdoa, se ele tiver merecido a sentença de inocência. O ato divino é consequente das disposições existentes no homem. Mas isso não se confunde com o pelagianismo, porque, sem o auxílio de Deus, nada consegue o pecador. Todos dependemos, antes de tudo, de Cristo. Somos justificados por Seus méritos, desde que satisfaçamos as condições estabelecidas.

A expiação é de âmbito universal e pode, potencialmente, salvar a todos os homens, se as exigências, para tanto, forem por eles cumpridas. A redenção, em

---

<sup>1</sup> Cannon, W. R. - The Theology of John Wesley - Pág. 41.

vista disso, é condicional. Não basta que Deus queira e possa salvar, é preciso que também o pecador queira ser salvo.

Note-se, entretanto, que Deus já pôs à disposição do homem os meios que lhe permitirão obrar dignamente, de modo a tornar-se aceitável aos Seus divinos olhos, no conceito de George Bull. São os sacramentos. Por meio deles o Senhor distribui a cada um a graça que precisar para cumprir a Sua excelsa vontade. O batismo purifica de todo o pecado e capacita a pessoa a dar os primeiros passos na vida cristã. Pela Santa Ceia, Deus a confirma e fortalece e a leva à prática do bem. Os meios são de Deus, mas a iniciativa em buscá-los pertence ao homem. Agora suas obras passam a ser boas e aceitáveis perante Deus, que as toma em consideração aos méritos de Cristo. Assim o pecador recebe a justificação.

Em um ponto o bispo Bull se mantinha fiel à doutrina calvinista: quando sustentava a necessidade da graça divina para que se realizasse a salvação. Sua interpretação dos sacramentos, de outro lado, se confundia com a de Roma (catolicismo), pois lhes concedia virtudes. Mas, em linhas gerais, sua teologia continha muito de arminianismo. Por exemplo: a graça ao alcance de todos, a extensão da obra vicária de Cristo, a responsabilidade do homem por sua própria salvação. Além de outros conceitos. Portanto, não é demais lembrar que essa teologia andava em voga nos dias em que João Wesley iniciou o seu ministério.

## 2. A INFLUÊNCIA DOS PAIS: SUSANA E SAMUEL WESLEY.

Os pais de João Wesley foram os primeiros a lhe inculcarem as idéias acima exaradas (lavradas, registradas por escrito). Ambos, ainda jovens, deixaram a Igreja Dissidente, filiando-se, por convicção, à Igreja Anglicana, ajudando-os bastante, nesse particular, a “Harmonia Apostólica,” do bispo George Bull.

Alguém escreveu que Samuel e Susana discordavam um do outro em muitas coisas, mas raramente quanto às suas convicções religiosas. Os escritos que nos deixaram, comprovam-no sobejamente: sejam cartas, estudos ou publicações. Os dois nutriam grande interesse por questões teológicas. Susana, aos quarenta e um anos, escreveu uma exposição do Credo Apostólico. Samuel, aos vinte e nove, formava ao lado dos editores da Gazeta Ateniense, destinada a divulgar conhecimentos religiosos e filosóficos. De sua lavra foram, ainda, uma obrzinha sobre o sacramento da Santa Ceia e uma exposição sobre o livro de Jó.

Os Wesley, por suas idéias, filiavam-se à corrente arminiana, concordando em diversos pontos com o bispo Bull. Juntamente com este, consideravam ser a expiação imprescindível à salvação e de âmbito universal, como, de igual forma, faziam depender do homem a sua apropriação. Os meios para a alcançar, são a fé e as obras. A fé, como assentimento, antes de tudo, ao que a Escritura registra a respeito de Cristo. A fé, então, é crença e não um dom de Deus implantado no coração do homem: é atitude humana. Mas não é só crença: é, também, obediência aos preceitos divinos; é vida prática. A fé tem como suporte as obras de obediência. Uma se ampara na outra. A fé conduz à prática, mas, por sua vez, a ação fortalece e

sustenta a fé. Nenhuma subsiste sem a outra. Ambas se completam. São meios concomitantes da salvação. Estão ao alcance do homem e dependem mesmo dele. De sorte que, se o pecador satisfizer as condições, Deus o perdoa e o salva. É necessário crer e praticar o que se crê a fim de participar dos méritos de Cristo, conforme percebemos das seguintes expressões de Susana Wesley, em carta de 13 de janeiro de 1710, dirigida à sua filha Sukey: “Não é aprendendo de cor estas coisas (isto é, orações, catecismos, credos, passagens da Escritura), nem dizendo algumas orações de manhã e à noite, que você trará o céu para junto de si. Você deve entender o que diz e praticar o que sabe.”<sup>2</sup>

O casal Samuel e Susana Wesley entendia o batismo e a Santa Ceia de modo mais ou menos semelhante ao do autor da “Harmonia Apostólica” e também lhes atribuíam eficácia. O primeiro livra da culpa original e dá acesso à Igreja. A Ceia completa o batismo, dando forças ao seu participante para vencer o pecado e ajudando-o a cumprir os deveres da vida cristã.

De tal tipo foi a religião que desde cedo ensinaram aos filhos. A disciplina era rigorosa. Havia, no lar, regras para quase tudo. Mal começassem eles a falar, decoravam o Pai-Nosso. As exigências da Igreja, de igual forma, deviam ser conhecidas e praticadas. Em síntese: o casal Wesley expressava de modo concreto aquilo em que cria: a justificação como resultado também do esforço individual.

Quando João Wesley saiu do lar pela primeira vez, para ingressar na escola em Londres, a Charterhouse, levava bem fundas as marcas da educação doméstica. Por algum tempo deixou de ser tão fervoroso, mas ainda lia as Escrituras, fazia orações e comungava três vezes ao ano. Nem em Oxford, na universidade, se afastou dos padrões que cultivara em casa; nem ainda sob o sopro do racionalismo da época. E, no entanto, sabemos quão curiosa era sua mente, desejando sempre saber a razão das coisas. Nunca, porém, abandonava um velho conceito, enquanto não tivesse motivos seguros para deixá-lo. Muitas das modificações que depois nele se operaram, foram o resultado de conflitos religiosos e não filosóficos, sobretudo desde Aldersgate.

Um dos problemas que cedo começaram a preocupá-lo, foi o da predestinação. Era quase impossível viver cercado de idéias arminianas e conformar-se com as do calvinismo. Nem precisava conhecer as de Tiago Armínio, pois nos antigos padres gregos, Irineu, Orígenes e outros, e na literatura inglesa acharia conceitos semelhantes aos do teólogo de Leiden.

Quem sabe teria lido algo de Hooker e Baro? As obras de William Laud, de Ralph Cudworth, e ignoramos quantos mais, estavam ao seu redor, nas livrarias e nas bibliotecas. Além disso, muitos, dentro da Igreja, já haviam abraçado o arminianismo. John J. Tigert, na introdução à obra de Caspar Brandt, sobre Armínio, confirma o que por mais de uma vez temos dito: “Quando João Wesley estava em Oxford, na terceira década do século dezoito, e foi ordenado diácono e

---

<sup>2</sup> Cannon, W. R - Op. Cit. - Pág. 47.

presbítero na Igreja Anglicana, ainda que os Artigos permanecessem fiéis ao calvinismo original e a liturgia tivesse elementos romanistas, o clero tinha-se tornado, em geral, arminiano.”<sup>3</sup>

O certo é que, por volta de 1725, quando se decidira pelo ministério evangélico, dirigiu-se, em carta, à sua mãe, para dela indagar sobre a predestinação. Prova de que o problema se agitava em seu espírito. Num trecho, diz: “Se estivesse decretado infalivelmente desde a eternidade que certa parte da humanidade se salvaria e ninguém mais, e uma grande maioria nascesse para a morte eterna, sem mesmo a possibilidade de evitá-la, estaria isto de acordo com a justiça divina, ou a misericórdia? Será misericórdia prescrever a uma criatura a miséria eterna? Que Deus fosse o autor do pecado e da injustiça... é uma contradição das idéias mais claras que temos da natureza e perfeição divinas.”<sup>4</sup>

A resposta de Susana a João Wesley foi: “Essa doutrina, como mantida pelos calvinistas rígidos, é muito horripilante, e deve ser odiada, porque diretamente acusa ao Deus Altíssimo de ser o autor do pecado.” E acrescenta: “Penso que você raciocina bem contra ela, porque é inconsistente com a justiça e a bondade de Deus deixar alguém sob a necessidade física ou moral de cometer pecado e então puni-la por ele.” Ela assevera que “Deus tem uma eleição, mas é baseada na Sua presciência, e de modo alguma derroga (abole, anula) a livre graça de Deus, nem prejudica a liberdade do homem.”

No conceito de Susana seria absurdo julgar que alguém determine o nascimento do sol só pelo simples fato de prever o seu reerguimento a cada manhã. Assim é com a presciência de Deus: Ele prevê a salvação de uns e a condenação de outros, mas não é a causa determinante de uma ou de outra.<sup>5</sup> Deus não condena e nem salva a quem quer que seja contra a sua própria vontade. Os eleitos são os que se voltam para Ele; os condenados são todos que O rejeitam.

Samuel Wesley também repudiava a doutrina da eleição incondicional. Acreditava, como a esposa, que Deus por Sua presciência sabe de tudo que há de acontecer e conhece os que aceitarão Sua graça, mas, de modo algum, intervém na liberdade do homem.

No Oráculo Ateniense, II, 101, escreveu: “Se Ele fizesse isso, a natureza do homem seria destruída, os propósitos de recompensas e castigos seriam irônicos, a pregação seria vã e vã, também, a fé.”

E noutra parte, diz: “Deus fez o homem reto e agente livre. A presciência de Deus dirige a livre agência do homem, mas não a anula, salvando-o quando Ele queira ou não, ou condenando-o injustamente.”<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> Brandt, Caspar - The Life of James Arminius - Trad. Por John Guthrie - Nashville, Tenn. - Pág. 15.

<sup>4</sup> Joy, James Richard - O Despertamento religioso de João Wesley - Imprensa Metodista - São Paulo - Pág. 38.

<sup>5</sup> Carta de 18 de agosto de 1725, in Teyerman - Life and Times of John Wesley, Vol. I, Pág. 40.

<sup>6</sup> Oráculo Ateniesne, I, 58, citado por Cannon, Op. Cit., pág. 46.

Os eventos futuros viriam demonstrar até onde o pensamento dos pais influenciou na teologia de João Wesley, fundador e organizador do movimento metodista.

### 3. O VALOR DA DEDICAÇÃO PESSOAL.

João Wesley aprendera, no lar, a ser ordeiro (disciplinado) e a fazer o bem. Os pais lhe ensinaram e aos irmãos que deviam dominar-se, nada querendo conseguir chorando, por que não a obteriam. É sabendo esperar e portando-se convenientemente que se colhem resultados. Em lugar de maus pensamentos, deviam cultivar os bons e manifestá-los por meio de ações. Religião é coisa tanto interna como externa. Deus abençoa a quem procede dignamente. E, assim, realçavam eles perante os filhos, o valor das obras e de toda boa iniciativa. João chegou mesmo a tomar a dianteira à mãe, pois na carta que lhe dirigiu, em 1725, onde tratava da questão predestinista, escreveu: “Estou persuadido de que podemos, agora, saber se estamos na graça da salvação, visto ser isso expressamente prometido nas Santas Escrituras em recompensa de nossos esforços sinceros.”<sup>7</sup> Obervemos bem este final: “nossos esforços sinceros.” Até Aldersgate seria o pivô de sua teologia: alcançar a salvação, confiando no zelo pessoal; fazer-se digno dos méritos de Cristo por suas próprias ações. Quem nele se expressava era, de fato, a influência da educação doméstica e do meio em que vivia.

Em 1725, quando se achava em Oxford, vieram parar-lhe às mãos algumas obras que o fortaleceram mais, no sentido de cultivar vida religiosa pessoal. Uma delas, da autoria de Jeremias Taylor, as “Regras e Exercícios para uma Vida Santa,” ensinava que o homem foi feito para a prática do bem e, a menos que seus atos sejam acompanhados de boas intenções, Deus não se agrada dos mesmos. O meio para conseguir que as ações sejam boas, é pela busca do influxo divino. Algo semelhante ao misticismo, embora de cunho prático. Wesley aceitou as normas sugeridas por Taylor, resolvendo-se, daí em diante, consagrar a Deus todos os pensamentos, palavras e ações, como bem patenteiam as célebres regras que estabeleceu, então, para seu viver cotidiano, registradas no seu “Diário.”

A Regra Geral diz: “Quando tiveres de realizar qualquer ação, considera como Deus a fez, ou como a faria, e imita o Seu exemplo.” As outras, em número de nove, referem-se ao emprego do tempo e são conforme segue:

- 1 - Começa e termina o dia com Deus, e não durmas descomedidamente.
- 2 - Sê diligente em tua carreira.
- 3 - Emprega todo o tempo de lazer, se possível, na religião.
- 4 - Todos os feriados são dias santificados.

---

<sup>7</sup> Teyerman - Op. Cit., Vol I, pág. 40.



5 - Evita os bêbados e intrigantes.

6 - Evita a curiosidade e toda ocupação e conhecimento inúteis.

7 - Examina-te cada noite.

8 - Nunca permitas, sob qualquer hipótese, que se passe um dia sem que tenhas pelo menos uma hora para a tua vida devocional.

9 - Evita a paixão.

Outro livro que leu, nessa época, foi a obra sobejamente conhecida “A Imitação de Cristo,” de Tomás Kempis, presente que lhe fez, segundo parece, a jovem Betty Kirkham, irmã de um colega e sua admiradora. Wesley aprendeu, através dessa inspiradora obra, que a religião é, acima de tudo, coisa do coração e que a pureza da alma é essencial para o cristão. Ainda outros incentivos recebeu, no sentido de cultivar a fé pelo zelo pessoal, como já vinha fazendo, mas agora correndo o risco de se entregar à reclusão, perigo este que aumentou com a leitura de novas obras da mesma natureza, tais como “A Vida de Deus na alma do homem,” de Scougal, e especialmente as duas de William Law: “A Perfeição Cristã” e “Chamado sério para uma vida devota e santa.” Isto sucedeu em 1727, bem depois de sua ordenação na qualidade de diácono.

João Wesley ainda não estava contente com seu estado espiritual, mas desejava prosseguir em seus esforços até o encontrar. A influência recebida de Law, levaram-no a registrar no seu Diário: “Convenceram-me mais do que nunca da absoluta impossibilidade de ser meio cristão; e eu determinei, pela graça divina, devotar-me inteiramente a Deus, dar-Lhe minha alma, meu corpo e todo o meu ser.”<sup>8</sup>

Tanto se enamorou dos ensinamentos de Law que, se não fora a realidade da vida e os conselhos de pessoas experimentadas, João Wesley teria caído num pietismo errôneo. Uma delas lhe disse, certo dia: “A Bíblia não conhece nada de religião solitária.” Por isso, quando, em novembro de 1729, deixou a paróquia do velho pai, onde o estivera auxiliando, e veio assumir seu posto de fellow (tutor) na universidade, juntou-se ao Clube Santo, que o irmão organizara durante sua ausência, dando-lhe todo o apoio, sem se descuidar (descuidar, abandonar) de visitar a presos, a enfermos e de ajudar os necessitados. Fazer o bem era tão indispensável à fé como ler as Escrituras, praticar jejuns, orar ou utilizar-se dos sacramentos. Wesley queria receber as bênçãos da expiação de Cristo por seus próprios esforços.

Anos mais tarde (1735) manifesta idêntica atitude, ao se oferecer para ir à América evangelizar os silvícolas da Geórgia. “Meu principal objetivo, nisso, é a

---

<sup>8</sup> The Works of the Rev. John Wesley - Ed. Thomas Jackson, 3ª ed. - London. Vol XI, pág. 367, cit. por Cannon.

esperança de salvar minha própria alma,” explicava ele em carta de 10 de outubro, quatro dias antes do embarque. Mas tanto na ida como na volta, como durante sua estada ali, haveria de compreender que ninguém encontra paz, até que se renda a Deus e confie nele tão somente, e que nenhum homem pode justificar-se por si mesmo. Daí seu regresso à Inglaterra sob a impressão de fracasso!

#### 4. A CONTRIBUIÇÃO DE ALDERSGATE.

Longe esteja de nós julgar que João Wesley não fosse um cristão verdadeiro antes da experiência de 24 de maio de 1738, na rua Aldersgate. Sua conduta e seu caráter provam o contrário. Contudo é inegável que algo de importante aconteceu naquela memorável reunião. O coração de Wesley se aqueceu estranhamente, seu pensamento recebeu novas luzes, sua vida inflamou-se com maiores poderes. Passou a ter paz e a sentir-se seguro quanto à sua salvação. Sua teologia adquiriu um sabor que não possuía antes. Não descambou, entretanto, para o monergismo teocêntrico, julgando que tudo dependesse exclusivamente de Deus, pois ele bem sabia de suas lutas para viver os retos princípios do Evangelho.

Experiências duras se ocultavam por detrás de Aldersgate. Estava salvo de se desencaminhar para o pelagianismo e livre, igualmente, da posição calvinista. Se antes cria na salvação como concedida a todos os homens, depois de Aldersgate continuava a crer nela mais firmemente. Deus nunca abandona os que batem à porta de Seu coração. Há, porém, agora, uma diferença sensível na maneira de encarar o assunto. Tudo quanto o Altíssimo deseja do pecador é que se arrependa e aceite a obra expiatória de Cristo; nada mais lhe resta fazer. Cristo é o dom gratuito de Deus para todos os Seus filhos. Quem se esvazia de si mesmo, Ele o enche com Sua graça. Então a vida se torna produtiva. As boas ações deixam de ser elementos causais para se converterem em efeitos (conseqüências). Pratica-se o bem porque o amor divino se derramou em nossos corações, fazendo-nos novas criaturas. Deus é supremo em nós. Ao humano se antepõe o divino. A natureza humana ainda é de importância para Wesley, porém já não confia tanto nela. Agora o centro de todos os seus interesses é Deus. É para Ele que João está voltado e não para si próprio.

Por conseguinte, mesmo anteriormente a Aldersgate, podemos considerar a Wesley enquadrado, de certo modo, dentro do arminianismo. Mas certamente a experiência de 24 de maio deu melhor estrutura e mais firmeza à sua doutrina.

#### 5. A CONTROVÉRSIA PREDESTINISTA.

Não muito depois de Aldersgate, João Wesley precisou enfrentar o problema calvinista no seio das nascentes sociedades metodistas. Faziam parte delas pessoas de todas as igrejas evangélicas: episcopais, moravianos, independentes, presbiterianos e muitas que não pertenciam a nenhuma confissão religiosa. Quantas, enfim, estivessem desejosas de viver cristãmente. Ele lhes dava as boas-vindas, recebendo-as sempre com simpatia e sem cogitar se criam ou se deixavam de crer na predestinação. Seu lema resumia-se nas seguintes palavras: “O teu coração está em paz com Deus? Se está, dá-me tua mão, pois somos irmãos!”

Entretanto, alguém pôs-se a perturbar essas pessoas com a questão predestinista. Estes formaram logo um pequeno grupo chefiado por George Whitefield, ministro anglicano, grande evangelista e companheiro de primeira hora dos irmãos Carlos e João Wesley. Recusando-se os ditos inovadores a ouvir as exortações que lhes dirigia, João agiu com maior energia, pregando, em Bristol (1740), um sermão sobre a “Livre Graça,” que publicou em seguida, o qual estava baseado em Rm 8.32: “Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as cousas?”

Em conseqüência os calvinistas se organizaram num movimento à parte. Whitefield, então, acirrou o combate, brandindo as armas de sua eloqüência tanto contra a posição wesleyana como contra a pessoa do ex-colega, que, apesar disso, preferiu não lhe votar (dedicar) atenção. Numa dessas ocasiões, deu aos que o incitavam a tomar atitude idêntica à de Whitefield, esta bela resposta: “Podeis ver Whitefield contra Wesley, porém não Wesley contra Whitefield.” Anos mais tarde os dois reataram a amizade. E Whitefield, que veio a falecer na América, deixou em seu testamento alguns presentes para João Wesley e o incumbiu do sermão memorial.

Apesar de suas divergências, ainda eram irmãos em Cristo Jesus. Em 1770, quase trinta anos depois da primeira controvérsia, as divergências se reacenderam de novo, saindo em defesa do arminianismo, desta vez, dois dos melhores colaboradores de Wesley: João Fletcher e Tomas Olivers, este autor do hino “Ao Deus de Abraão Louvai.” E, assim, podemos saber com precisão o conceito wesleyano sobre a referida doutrina.

Para João Wesley, “a graça é livre em tudo e livre para todos,” o que significa dizer que é distribuída gratuitamente por Deus a cada pessoa. Não depende de méritos humanos e nem se particulariza somente a uns tantos. A salvação, por conseguinte, é de alcance universal, porque a graça foi posta à disposição de todas as pessoas. Deus seria incapaz de decretar a salvação de uns e a condenação de outros, porque isso é contrário à Sua natureza e à natureza do homem. Sim, porque, se uns foram predestinados à ruína e terão necessariamente que viver no pecado, a culpa por esse mal recai sobre o próprio Deus. O fato de se recusar Ele a salvá-los, quando a outros concede o privilégio, nos deixa perplexos e nos induz a conjecturas menos apreciáveis a respeito de Seus sentimentos. O Criador se rebaixa a nossos olhos, pois mesmo limitados como somos, parece que seríamos incapazes de agir de semelhante modo.

Daí as expressões de Wesley acerca da referida doutrina: “Destrói todos os seus atributos; põe abaixo tanto sua justiça como sua misericórdia e verdade; representa ao santo Deus como pior, mais falso, mais cruel e mais injusto do que o diabo. Mais falso, porque o diabo, mentiroso como é, nunca disse que determinou que todos os homens fossem salvos; mais injusto, porque o diabo não pode, ainda que queira, ser culpável da injustiça que se atribui a Deus quando se diz que milhões de almas foram condenadas por ato dEle ao fogo eterno, preparado para o

demônio e seus anjos, por continuarem no pecado que não podem evitar por falta da graça que Deus não lhes quer dar; é mais cruel, porque esse espírito infeliz busca descanso e não o acha, de modo que sua própria e inquieta miséria lhe é como tentação para tentar outros. Mas Deus descansa em seu alto e santo lugar. Assim, supor que, espontaneamente, por sua pura e simples vontade e prazer, feliz como é, condenara suas criaturas à miséria sem fim, queiram ou não, é imputar-lhe tal crueldade que não admitiríamos igual ao maior inimigo de Deus e do homem.”<sup>9</sup>

E, mais: desonra a Cristo, fazendo-O hipócrita e enganador dos homens, porque é impossível negar ter-se Ele apresentado dizendo querer a salvação de todos. Diante de Jerusalém chora, exclamando: “Quantas vezes eu quis reunir os teus filhos e tu não quisestes” (Mt 23.37). De outra feita, convidou os pecadores com expressões repassadas de ternura, prometendo-lhes paz e descanso de espírito: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas” (Mt 11.28-29).

“Mas se dizeis que não pretendia salvar todos os pecadores,” prossegue João Wesley, “que chama aos que não podem ir, então representais o Filho de Deus zombando de suas necessitadas criaturas, por lhes oferecer o que jamais pretendia dar. Vós o descreveis como dizendo uma coisa e fazendo outra e como praticante de um amor que não possuía. Ele, em cuja boca não havia malícia, vós o fazeis cheio de engano, vazio de toda e qualquer sinceridade. Dizes que podes prová-lo com a Escritura. Acautela-te! Que queres provar com as Escrituras? Que Deus é pior que o diabo? Não pode ser!”<sup>10</sup>

A doutrina da predestinação, no conceito de Wesley, é contrária ao espírito da Escritura, nulifica o Evangelho, destrói o amor ao bem e à santidade. A Bíblia ensina que Deus não quer a morte do ímpio e, para isso, “mandou seu Filho ao mundo, a fim de que todo o que nele crer seja salvo” (Jo 3.16). Mas, se apenas os eleitos se salvarão, para que pregar-lhes? E porque fazê-lo, também, aos não-eleitos? Aqueles se salvarão mesmo, com ou sem evangelho, e estes se perderão ainda que o ouçam. Destrói o zelo pela santidade, porque leva os homens a negligenciarem a sua condição, seja física, seja espiritual. Wesley conta que, ao visitar pessoas enfermas, ouvia respostas como esta: “Se estou decretado a viver, viverei; se a morrer, morrerei; assim, pois, não necessito perturbar-me com coisa alguma. Para que remédios? Para que preocupações? Mas tendes a certeza de que sois dos eleitos? Que provas tendes disso? E, se tendes, que vos garantirá a permanência nessa condição? Muitos já caíram da graça e vós podereis cair também. Tendes, então, que confiar em Cristo e vigiar diuturnamente por vossa fé. Só quem perseverar até ao fim será salvo.”<sup>11</sup>

Era esta, pois, a linguagem em que Wesley expunha o seu pensamento.

---

<sup>9</sup> Wesley - Sermão sobre a “Livre Graça” - Sermões de Wesley, Imprensa Metodista.

<sup>10</sup> Wesley - Sermão sobre a “Livre Graça” - Sermões de Wesley, Imprensa Metodista.

<sup>11</sup> Obd. - Op. Cit.

## 6. O CONTATO COM AS IDÉIAS DE TIAGO ARMÍNIO.

Parece-nos que João Wesley só travou contato direto com os escritos de Armínio depois de 1770, ano da segunda controvérsia predestinista, porquanto é a partir daí que aparecem, na literatura metodista, referências ao teólogo holandês. Agora João Wesley via que andava bem acompanhado. Encontrou, em Tiago Armínio, muitas idéias teológicas semelhantes às suas e que o ajudaram a fortalecer seus pontos de vista. Se antes era arminiano, conforme já deixamos patente, continuou a sê-lo com maior firmeza.

Na edição das “Obras de Wesley,” publicada pelo bispo Emory, há um estudo intitulado “A pergunta ‘Que é um arminiano?’ respondida por um amante da Livre Graça,” escrito, possivelmente, antes de 1770, pois há nele referência à quebra de relações entre Whitefield e Wesley. Contém ainda ligeiro esboço da vida de Armínio e uma nota sobre as principais diferenças entre o arminianismo e o calvinismo. Nele, Wesley coloca-se, a si mesmo, dentro da tradição arminiana. Se foi por esse tempo que recebeu, de primeira mão, os escritos de Tiago Armínio, é difícil dizê-lo. Admitimos ser o mais acertado!

Em agosto de 1777, escrevendo para sua revista, Wesley pronunciou-se do seguinte modo: “Não sabemos de nada mais próprio para um trabalho desta natureza que um esboço da vida e morte de Armínius,” mencionando, aí, o fato que muitos injuriavam o teólogo neerlandês sem o conhecerem. Quanto a ele, porém, sabia de suas idéias e o honrava, tanto assim que a revista wesleyana passou a denominar-se, desde 1778, “A Revista Arminiana” (The Arminian Magazine). É digno de nota que o primeiro artigo publicado no volume de 1792 é a tradução do escrito de Armínio, intitulado “O julgamento de Armínius acerca dos decretos divinos,” feita, talvez, por Wesley, algum tempo antes.

O Rev. William P. Harrison, redator das notas introdutórias dos “Sermões de Wesley,” narra um diálogo interessante travado entre o jovem ministro calvinista Carlos Simeon, de 28 anos, e o velho João Wesley, com os seus 84. Isto em 1787. Dá-nos ele, uma idéia bem nítida, do conceito em que se tinha o fundador do metodismo e o quanto se ignorava na Inglaterra, apesar de tudo, o arminianismo. “Senhor,” disse o jovem Simeon, “Ouço dizer que sois arminiano. Quanto a mim, algumas vezes me chamam calvinista e, sendo assim, devemos, penso, empunhar nossas adagas um contra o outro. Mas, antes que eu comece o duelo farei, com vossa permissão, algumas perguntas, não por impertinente curiosidade, mas para minha real instrução. Credes, senhor Wesley, que sois uma criatura depravada, tão depravada que nunca teríeis pensado ela voltar-vos para Deus, se o mesmo não houvesse posto tal desejo em vosso coração?”

- Sim, respondeu o ancião, creio-o de fato.

- E desesperais inteiramente de recomendar-vos a Deus por qualquer coisa que possais fazer, esperando a salvação exclusivamente do sangue e da justiça de Cristo?

- Sim, exclusivamente através de Cristo.

- Mas, senhor, suponde que inicialmente fostes salvo, de uma maneira ou de outra, pelas boas obras?

- Não, retrucou Wesley, preciso ser salvo por Cristo do começo ao fim.

- Confessais, então, que primeiro fostes despertado pela graça de Deus; não sois, agora, de um modo ou de outro, guardado pelo vosso poder?

- Não! - foi a resposta.

- Então? Deveis ser sustentado a cada hora e a cada momento por Deus, tanto como a criancinha nos braços de sua mãe?

- Perfeitamente. - disse-lhe Wesley.

- Toda a vossa esperança esta posta na graça e na misericórdia de Deus, para vos preservar no seu Reino Celestial?

- Sim; não tenho esperança senão nEle.

- Então, senhor Wesley, com vossa licença, vou embainhar minha adaga, porque todo o meu calvinismo é isso; aí está minha eleição, minha justificação, minha perseverança final. Aí está, em substância, tudo que creio e do modo como creio. Assim, em lugar de buscarmos termos e frases que sirvam de fundamento e contendas entre nós, unamo-nos, por favor, nestas coisas em que estamos de acordo.”<sup>12</sup>

Admirável, sem dúvida, o espírito deste moço. Quem dera pudéssemos todos compreender quão rico é o cristianismo para nele querermos bitolar a mente humana. Isto nos tornaria mais tolerantes e simpáticos. É o que se nota, por exemplo, no arminianismo, no metodismo e no calvinismo. Todos eles são sistemas cristãos, dando um mais ênfase a certa doutrina do que os outros. Às vezes, no entanto, as diferenças são mais de aparência. Apenas um caso: a importância que o arminianismo metodista dá a graça de Deus, é fundamental em sua teologia, no que muito se assemelha ao calvinismo; inúmeras pessoas, todavia, ignoram esta verdade. Mas, de outro lado, existem diferenças profundas entre os dois, e até entre o metodismo e o arminianismo, como se verá no capítulo seguinte.

---

<sup>12</sup> Sermões de Wesley - Vol I, págs 125 e 126 - Imprensa Metodista - São Paulo.

A quantos desejam inteirar-se com segurança da teologia wesleyana, recomenda-se especialmente o exame das Atas das primeiras Conferências do metodismo inglês (Doctrinal Minutes) que, juntamente com os Sermões de Wesley e suas Notas Sobre o Novo Testamento, além dos “Vinte e Cinco Artigos,” por ele redigidos em 1784, para a novel Igreja Metodista, da América, constituem o melhor repositório de informações relativamente à mencionada teologia. Esses Artigos nada mais são que uma síntese dos “Trinta e Nove,” da Igreja Anglicana, escoimados (livres), porém, de elementos calvinistas ou, se quisermos, vistos sob interpretação arminiana.

## CAPÍTULO VI

### ARMINIANISMO E METODISMO

#### I - O ESPÍRITO DO METODISMO:

Metodismo e arminianismo têm algo em comum e, também, diferenças. Um não é apenas continuação histórica do outro. Ou, para sermos mais precisos, diremos que o metodismo não é simples continuação do arminianismo. Eles se ligam quanto a certos conceitos, mas pouco quanto ao tempo e à história.

O metodismo, conforme já vimos, desenvolveu-se quase independentemente do movimento holandês, tendo este surgido no início do século XVII, ao passo que o Metodismo aconteceu na Inglaterra, em meados do século XVIII. No primeiro caso, a religião oficial era o calvinismo; no segundo, reinava o anglicanismo. A vida dos fundadores de ambos os sistemas merece igual admiração, visto serem eles homens cultos e piedosos, dedicados ao bem estar de seus conterrâneos. Wesley, no entanto, foi mais longe em suas realizações e em sua teologia. Podemos até afirmar que o arminianismo deve sua maior difusão ao movimento wesleyano e quiçá, a sua própria sobrevivência.

Há, até a experiência de Aldersgate, um quê de semelhança entre João Wesley e Tiago Armínio. Os dois são ministros de igrejas oficiais, preparados em universidades e consagrados à obra do Evangelho. Em ambos, porém, a piedade estava tingida por sua formação cultural; mais, sob o domínio da razão que do sentimento. É que nenhum deles havia ingressado na carreira religiosa através de grandes lutas espirituais, como sucedera ao Apóstolo Paulo e a Agostinho de Hipona. Por isso, acomodaram-se à situação prevalecente em suas confissões eclesiásticas: Armínio abraçou o Calvinismo extremado, enquanto Wesley mais e mais pendia para o pelagianismo.

Quando a crise se apresentou na vida destes dois vultos, a teologia de cada um acabou tomando nova feição, porque a situação assim o exigiu, diferindo, por conseguinte, daí por diante, em sua natureza. Acontece que, para Armínio, o problema tal qual então se apresentava, era fundamentalmente teológico e afetava as Escrituras, ao passo que, para Wesley, era a sua própria vida espiritual que estava em jogo. Em resultado, o arminianismo seria fruto de controvérsia religiosa e o metodismo, por sua vez, da experiência de Aldersgate, quando Wesley, seu fundador, sentiu o coração estranhamente aquecido. Donde se vê que Armínio reestruturou sua teologia à luz das Escrituras e da razão, firmando-se no infralapsarianismo, enquanto João Wesley o fez estribando-se, sobretudo, no testemunho íntimo do Espírito Santo, ao lado de evidências bíblicas.

Daí em diante, não era só o coração que ardia no vulto ímpar de Aldersgate, mas, também, a teologia resultante daquela maravilhosa experiência, a qual lhe comunicara vida nova e operante, motivo por que já não mais se confinou aos limites acanhados de uma universidade ou às paredes frias dos templos. Ao invés



disso, saiu para as ruas e praças públicas, desceu às minas e penetrou nos cortiços de miseráveis criaturas humanas. O metodismo foi, e ainda é, uma revolução em marcha.

Alguém chamou ao movimento wesleyano de “arminianismo agressivo,” e o disse com acerto, porque sendo sua mensagem de caráter universal e tendo fogo no coração, haveria de alastrar-se pelos quatro cantos da terra. E, muito embora os números estatísticos nem sempre revelem toda a realidade, permitem, contudo, dar-nos idéia do seu ardor evangelizante e da importância vital de suas doutrinas, apesar de existir como organização há menos de duzentos anos. Mantém atividades missionárias em cerca de noventa regiões do globo, em continentes e ilhas. O total de metodistas arrolados nas igrejas aproxima-se de 20.000.000 (vinte milhões), sem se contarem os milhares que vivem sob sua influência direta ou indireta. Do bem que fez à Inglaterra, salvando-a dos possíveis horrores de uma convulsão semelhante à da França, registram-no historiadores da competência de Lecky, Green e Hallevy. Este último, que é francês, deduziu de suas investigações que a estabilidade e o progresso da Inglaterra, nos anos de 1815 a 1841, a chamada época Victoriana, tinham a sua razão de ser no Reavivamento Metodista, o qual permeou de influências salutares a vida do povo comum, a Igreja da Inglaterra e os grupos religiosos não-Conformistas.

As velhas denominações foram transformadas em seu espírito e em suas organizações, o mesmo sucedendo no setor político e no social.<sup>1</sup> O que continua ainda a realizar por todas as partes, testificam-no as gerações do presente. Hoje, este “arminianismo agressivo” é, sem dúvida nenhuma, das mais operosas denominações evangélicas no mundo.

O arminianismo dos Representantes (dos discípulos holandeses de Tiago Armínio) carecia desses impulsos. Como revolta que foi, contra o dogmatismo calvinista, nascido por motivos basicamente teológicos, assim se manteve, pouco realizando de prático, ao contrário do que ocorre com o metodismo, para o qual os problemas da vida real assumem o aspecto de verdadeiro desafio. O pregador metodista estava mais preocupado em salvar almas e transformar os homens em pessoas úteis à sociedade do que em discutir religião, ou, ainda, provar a existência de Deus. Tinha a Deus no coração e isto lhe bastava. Quem quisesse saber se era assim ou não, que O experimentasse também. Os metodistas pregavam que Deus estava ao alcance de todos, fossem homens, mulheres ou crianças, ricos ou pobres, senhores ou escravos, patrões ou operários, viciados, decaídos ou gente de bem. Sim! A quantos Lhe abrissem o coração!

O metodismo, pois, convertia em magnífica realidade a afirmativa arminiana da assistência da graça divina no interior do homem. Deus baixava ao pecador para transformá-lo em nova criatura. E, neste particular, adiantava-se, também ao calvinismo e reagia positivamente contra o pernicioso deísmo, a filosofia religiosa

---

<sup>1</sup> Hallevy, E. - “Histoire du Peuple Anglais au XIX Siècle,” em quatro volumes. Vol I, págs. 359, 371 e outras.

inventada por Lord Herbert de Cherbury (1583-1618), e desenvolvida a seguir por Voltaire, Rousseau, Shaftesbury, Thomas Paine e outros.

O metodismo se sobrepunha a estes dois sistemas porque, no seu conceito, a graça de Deus atua sobre todos os indivíduos e de modo algum sobre os eleitos unicamente. A Sua operação é universal e persiste através das gerações.

À alegação de um Criador transcendente e inacessível aos homens, o metodismo respondia com um Deus imanente e compassivo. Um Deus que é Pai e não padraço, que ouve as petições de Seus filhos e está pronto a responder-lhes. Não podia, então, concordar com o deísmo quando assemelhava o Criador ao relojoeiro que fizera bonita máquina, dera-lhe corda e depois se ausentara para onde ninguém sabia, deixando sua bela obra a mover-se por si. Assim, Deus ao criar o universo, já estabelecera as leis que o controlam. Só os tolos, diziam os adeptos do deísmo, podem descrever da existência de Deus, pois a razão testemunha a Seu respeito. Mas confiar no auxílio divino é coisa absurda, verdadeiro contra-senso, visto que Suas leis são invioláveis. Deus é o remoto, o outro, o transcendente: está fora de nosso alcance e não nos ouve e, se nos ouvisse, não interferiria no mundo para nos vir ajudar. Orar, é perder tempo. Todo milagre é impossível. E desse modo eles faziam o criador da máquina tornar-se escravo do seu invento! Esqueciam-se de que as leis não operam sozinhas, sem ter quem as execute.

Mas Wesley sentiu coisa bem diversa em sua vida, pelo que, podia repetir as palavras do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim...” (Is 61.1-2) , ou confirmar a experiência de Paulo quando declarou: “O Espírito de Deus dá testemunho junto ao nosso espírito de que somos filhos de Deus” (Rm 8.16). Seu velho pai, Samuel Wesley, também lhe dissera: “O testemunho interior, meu filho, é a prova, a prova mais forte do Cristianismo.” De fato, é o mais importante na religião. É Deus dando-se a Si mesmo e o homem comprovando-O pela experiência. É o Infinito penetrando no finito; o incomensurável confinando-se aos rudes limites do coração humano.

Eis por que o reavivamento metodista produziu tanta agitação nos seus dias e ainda apela tão fortemente à nossa mente e alma. Entre Deus e o pecador nada mais se levanta, nem o sacerdote, nem os sacramentos, nem os credos, senão o pecado. A graça de Deus não é monopólio de ninguém, nem privilégio exclusivo de quem quer que seja, a não ser, naturalmente, daqueles que já se converteram a Cristo. Deus quer a salvação de todos. Até a mais vil criatura é objeto do Seu divino amor. Quantos O aceitarem serão remidos de seus pecados. Jesus Cristo, como afirmou o evangelista João, “é a propiciação pelos pecados do mundo inteiro” (1Jo 2.2).

II - Distinções Doutrinárias:

1 - O PECADO ORIGINAL.

É um dos problemas de capital importância na teologia cristã.

A existência do mal é patente em todos os quadrantes de nosso mundo. Somos constrangidos a reconhecer que algo de anormal impede de contínuo as boas relações dos homens uns com os outros e com o seu Criador. Não fazemos o bem que gostaríamos de fazer. Deixamo-nos conduzir por más inclinações. Desde os tenros anos da infância o egoísmo, a ira, a inveja, o ciúme, nos assaltam e muitas vezes nos dominam. Como pode a criança manifestar tão cedo essas atitudes e sentimentos? Donde lhe vêm eles? Quem lhos incutiu? Toda sorte de explicações se tem dado, inclusive pelos evolucionistas materialistas, os quais, não podendo negar a realidade do mal, afirmam que é a herança recebida dos animais, nossos predecessores. Para eles o homem é animal que ainda não se libertou de sua bestialidade.

O arminiano e o metodista, juntamente com o calvinista, aceitam que a vontade do homem era livre antes da queda, no Éden, mas diferem quanto ao estado primitivo, sustentando este último, que a condição do homem, era de perfeita santidade. Se, porém, foi assim, alega o arminiano, ele não teria caído (Confess. Remonstr. 5.5). Limborch, em sua Teologia (11:21,5) mostra que o estado de inocência com que Deus o dotara, envolvia ignorância, porque, se Adão e Eva tivessem ciência de tudo, saberiam que a serpente não fala e, se falou, deviam ter suspeitado que algo de anormal e perigoso estaria ocorrendo. Não admite, outrossim, fosse a imortalidade pertinente à natureza humana. Crê, todavia, que Deus o poderia salvar da morte, caso não tivesse pecado.<sup>2</sup>

Ensinam os calvinistas que a natureza humana ficou totalmente depravada pelo pecado, afetando, também, a todos os descendentes de Adão, de sorte que ninguém, por si próprio, é capaz de reerguer-se e ser salvo ou fazer o que é agradável a Deus. O metodismo, como se verá, colocou-se entre o calvinismo e o arminianismo, aproximando-se ora mais de um, ora mais do outro. Os arminianos crêem que a natureza humana foi indubitavelmente prejudicada pelo pecado, porém não arruinada totalmente, tanto assim que, o homem ainda conserva a possibilidade de obrar o bem e de voltar-se para Deus. Ao invés da total depravação, aceitam a idéia do enfraquecimento de nossa natureza. Agora o homem é fraco por índole. E porque o é, assiste-o a graça divina a fim de ajudá-lo a realizar a vida espiritual e a atingir a salvação. Negam, outrossim, que a culpa de nossos primeiros pais, seja imputada aos seus descendentes. Indiretamente, sim, participamos de sua falta, porque nossa natureza ficou enfraquecida, mas só respondemos por nossos pecados individuais.

Neste particular o metodismo, conforme frisamos, adota posição intermediária. Às vezes é mais calvinista ou agostiniano, outras, é mais arminiano e, ainda outras, nem uma coisa nem outra. Senão vejamos: Aceita, inicialmente, a santidade original do homem, como parte de sua constituição. Graças a ela a alma tendia espontaneamente a obedecer ao que era reto e a recusar o mal. Nessas

---

<sup>2</sup> Hagenbach, K. R. - History of Doctrines - Vol III - Págs. 75 e 76.

condições gozava de íntima comunhão com o seu Criador. Mas quando se deu a queda, sua natureza se corrompeu e o homem deixou, em consequência, de viver nesse estado. O homem pecou por ser livre e porque possuía capacidade de ação moral. Pecou por duvidar de Deus e por querer engrandecer-se a si mesmo. E, uma vez que toda a raça estava potencialmente em Adão, o pecado tornou-se patrimônio comum a todos (Rm 5.12-14, 17, 18). Ao pecado juntou-se a morte. Ambos frutos da desobediência e da queda. Recebemos, assim, uma natureza pecaminosa, transmitida por nossos primeiros pais, contudo, nenhuma culpa nos cabe pelo pecado original. Cada pessoa só responde por suas próprias faltas. Em um de seus sermões, Wesley assim se expressou: “O homem fora feito à imagem de Deus: santo como é santo o que o criou; misericordioso como o Autor de tudo é misericordioso; perfeito como seu Pai celestial é perfeito. Era, conseqüentemente, puro como Deus é puro, livre de qualquer nódoa de pecado. Pelo amor espontâneo e gratuito de Deus, era santo e feliz, conhecendo, amando e gozando a Deus, que é, em substância, a vida eterna. Nessa vida de amor o homem permaneceria para sempre, se continuasse a obedecer a Deus...”

Entretanto “o homem desobedeceu,” perdendo a comunhão com o Criador. Seu corpo, de igual modo, tornou-se corruptível e mortal. Assim, “por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte. E a morte passou a todos os homens, visto estarem estes compreendidos no pai comum e representante de todos nós.” “Nesse estado nos encontrávamos, nós e toda a humanidade, quando Deus enviou seu único filho ao mundo a fim de nos resgatar do pecado,” “pela oblação (oferta) de si mesmo, oferecida uma vez, Ele nos resgatou e a toda humanidade,” desde que aceitemos por sua graça, a obra redentora do segundo Adão, Cristo Jesus.<sup>3</sup> O que cabia a Deus, Ele o fez. Agora resta ao homem fazer a sua parte. Se quiser rejeitar a dádiva preciosa da salvação, isto fica sob sua exclusiva responsabilidade. Os artigos de n<sup>os</sup> 7 e 8 de nosso padrão doutrinário, sintetizam muito bem o pensamento de Wesley e a posição da Igreja Metodista. Queiram, pois, examiná-los os diletos leitores.

## 2 - A PREDESTINAÇÃO.

Aqui o metodismo se afasta do calvinismo e, de igual sorte, do arminianismo, visto ambos serem deterministas: supralapsariano um, infralapsariano o outro. Para o primeiro, a predestinação ou eleição é anterior à obra da criação e é incondicional. Para o segundo (infra lapsum), a predestinação baseia-se na presciência de Deus a respeito da atitude do homem em face de sua prova e queda, e não é desde a eternidade e nem incondicional. Naquele caso, Deus permitiu a queda do homem como meio de executar o Seu eterno decreto e, pela mesma razão, escolheu os que hão de salvar-se. No segundo, a queda não é decorrente do decreto da eleição, e os escolhidos são todos aqueles que Deus previu aceitariam a Cristo pela fé. Aqueles aceitam-nO, porque assim tem que ser; mas estes, se O quiserem. Os arminianos, portanto, concediam certa liberdade ao homem.

---

<sup>3</sup> Wesley - Sermões - Vol I, Págs 109 a 11 – Imprensa Metodista - São Paulo - 1953.

O metodismo rejeita os dois determinismos. Wesley cria com o escritor sagrado que, para Deus, não existe passado e nem futuro. Para ele só há presente. Tudo é presente. Verifiquemos as suas palavras: “O todo-poderoso, onisciente Deus, vê e sabe, desde a eternidade até a eternidade, tudo que é, que foi e que será, através de um eterno agora. Para ele nada é passado ou futuro, mas todas as coisas igualmente são presentes. Ele não tem, portanto, se falamos conforme a verdade das coisas, presciência, nem postciência... Ainda quando nos fala, sabendo do que somos feitos, conhecendo a exigüidade de nosso entendimento, ele se nivela até nossa capacidade e fala de Si mesmo em termos humanos. Assim, condescendendo-se de nossa fraqueza, ele nos fala de Seu próprio propósito, conselho, plano, presciência. Não que Deus tenha necessidade de conselho, de propósito, ou de planejar Seu trabalho de antemão. Longe de nós imputar isto ao Altíssimo: medi-IO por nós mesmos! É meramente em compaixão de nós que nos fala assim de Si mesmo, como prevendo as coisas no céu e na terra e como predeterminando-as ou preordenando-as.”<sup>4</sup>

Wesley só concebia a eleição no sentido que “todo o que crer será salvo; o que não crer será condenado,” porque preferiu viver no seu velho estado. Salva-se quem aceita a Cristo e se converte a ele; perde-se quem resiste à graça de Deus e rejeita a misericórdia divina oferecida em Cristo. A salvação, por conseguinte, é condicional, porque baseada na aceitação ou recusa da oferta divina.

### 3 - A CERTEZA DA SALVAÇÃO.

Algumas das características do metodismo, tanto práticas como doutrinárias, são decorrentes da ênfase que dá à experiência religiosa. O homem foi feito ser espiritual, à semelhança do Criador, para ter comunhão com Ele, andar em Sua presença e senti-IO no âmago da alma. Deus se torna real para aquele que vive nele. Portanto, é uma aberração incompreensível sentir-se alguém perdoado de seus pecados, estar reconciliado com o Pai celestial, usufruir nova vida, experimentar outras disposições e atitudes e não saber disso. Não nos diz a Escritura que “**todos que são conduzidos pelo Espírito de Deus**” têm consciência de que também “**são filhos de Deus**” e, como tais, produzem obras dignas dos filhos de Deus? (Gl 5.18,22; Rm 8.14-16).

Por incrível que pareça, a vida cristã move-se no meio de esplêndidas certezas. Tem o crente a firme convicção de que, pela graça de Deus, seus pecados lhe foram perdoados por meio de Cristo; que em Jesus é nova criatura e já passou da morte para a vida. Tem, enfim, plena segurança da eternidade por sua identificação com o divino Redentor. E quem lhos afiança é o duplo testemunho dentro de si mesmo: o de seu espírito e o do Espírito Santo, conforme a experiência pessoal de muitos e o ensino das Escrituras (Rm 8.14-16; 2Cr 1.22; 2Cr 5.1, 8 ,17). “Quanto ao testemunho de nosso espírito,” escreve Wesley, “a alma percebe tão íntima e evidentemente quando ama, alegra-se e regozija-se em Deus, como

---

<sup>4</sup> Sermão “Sobre a Predestinação” - Cit. por Burtner e Chiles - Compêndio de Teologia de João Wesley - Pág. 50.

quando ama a qualquer coisa da terra e nela se deleita.” Se isto sucede, não pode duvidar de que é filho de Deus.<sup>5</sup>

Acerca do testemunho do Espírito de Deus, também assim se expressou: “Por testemunho do Espírito, quero dizer a impressão íntima feita sobre a alma, pela qual o Espírito de Deus diretamente testifica a meu espírito que sou filho de Deus: que Jesus Cristo me amou e deu-se a Si mesmo por mim; e que todos os meus pecados estão cancelados, e eu estou reconciliado com Deus.”<sup>6</sup>

A doutrina da segurança é, pois, parte integrante do metodismo, que lhe deu cunho universal. Uma vez que a experiência religiosa é possível a todos os homens, indistintamente, todos, igualmente, devem saber se têm certeza de sua salvação. O apóstolo Paulo gozou-a nesta vida, tendo a convicção de que nada o poderia separar do amor de Deus (Rm 8.38, 39). O grande doutor dos gentios jamais sentiu a menor dúvida a respeito de seu destino eterno. E do apóstolo João possuímos idêntico testemunho. Numa de suas epístolas registrou: “Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho... E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida...” (1Jo 5.10-13).

Os arminianos primitivos punham a questão da segurança noutros termos, visto ensinarem que somente em casos excepcionais alguém poderia ter dela consciência. O Sínodo de Dort, calvinista conforme notamos, opôs-se energicamente aos seguidores de Armínio, combatendo essa e outras afirmativas, mas também é verdade que definiu o problema de tal forma que os wesleyanos não a podem aceitar. Sim, porque para os defensores do Sínodo, os eleitos gozam do privilégio da segurança, mas tão somente os eleitos.

A experiência do testemunho do Espírito permitiu a Wesley compreender mais claramente a doutrina da justificação pela fé. Durante quinze anos escudara-se ele nos seus próprios esforços, pensando, assim, ganhar o favor divino, embora um dos “Trinta e Nove Artigos” afirmasse que o homem só é justificado pelos méritos de Cristo, mediante a fé. Seu irmão Carlos laborava em idêntica falta, pretendendo salvar-se através de suas obras, como bem atesta o diálogo que manteve com o pastor moraviano, Pedro Böhler, quando de uma visita que este lhe fez em momento de sua enfermidade. Perguntando-lhe Pedro se esperava ser salvo, respondeu-lhe Carlos: “Sim.”

- “E que razão tens para isso?”

- “Porque tenho-me esforçado ao máximo para servir a Deus” - disse-lhe Carlos Wesley.

---

<sup>5</sup> Wesley - Sermões - Vol. I, Págs 205 a 207.

<sup>6</sup> Wesley - Op. Cit. – Vol. I, Pág 205 a 207.



Era a mentalidade de muitos no seio do ministério anglicano devido ao erro de atribuírem à fé e às obras um sentido que não tinham. A verdade achava-se manifesta nas Escrituras e no padrão oficial de doutrinas, porém o tempo se encarregara de toldá-la. Novas concepções e práticas vestiram-na com roupagens diferentes. Aos moravianos caberia, então, a sublime tarefa de despertar aos dois irmãos Wesley, para a realidade e, por meio deles, despertar a tantos outros na Inglaterra e no mundo.

Os moravianos ensinaram a João e a Carlos Wesley que a fé é experimental e não mero assentimento às doutrinas da Igreja, ainda que verdadeiras; que ela não depende dos sacramentos e nem se confunde com as obras. A fé e as obras são coisas distintas, sem méritos intrínsecos. A salvação é o dom gracioso de Deus, providenciada pelo sacrifício expiatório de Seu bendito Filho. Cristo é o Redentor único e exclusivo de nossa alma. A fé nos conduz a Ele e nos move a lhe entregarmos todo o nosso ser. Pela fé nos apropriamos de Seus méritos. Pela fé nos identificamos com o Salvador Jesus e nos fazemos herdeiros do Seu Reino. Pela fé visemos uma vida de santidade, de paz e de amor.

As obras, então, resultam de nossa entrega a Cristo Jesus, eterno Salvador de nossa alma. Entretanto, só a partir da memorável experiência religiosa de maio de 1738 os dois irmãos Wesley verificariam que, de fato, nada existe em nós que nos garanta a salvação: o homem só pode salvar-se pela fé em Cristo – “sola fides.” E nisto eles concordavam com os Reformados (Luteranos).

Falando do acontecimento de 24 de maio, em Aldersgate, João Wesley conta em seu “Diário”: “À noite fui, muito contra minha vontade, a uma sociedade (reunião dos crentes moravianos) na rua Aldersgate, onde alguém estava lendo o prefácio de Lutero à carta aos Romanos. Faltava cerca de um quarto para as nove horas (20:45h), enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração pela fé em Cristo, senti meu coração abrasado de maneira estranha. Senti que confiava em Cristo, Cristo somente para a salvação; e foi-me dada certeza de que Ele tinha tirado os meus pecados, sim os meus pecados e me salvava da lei do pecado e da morte.”

Tiago Armínio adotava interpretação semelhante à dos luteranos, calvinistas e metodistas. No seu conceito somos justificados graciosamente por Deus, em atenção aos méritos de Cristo, ao qual nos unimos pela fé. Cristo é a causa meritória da justificação; a fé a causa instrumental.<sup>7</sup> Todavia seus seguidores imediatos, os Representantes, afastaram-se da interpretação do mestre, aproximando-se mais do romanismo e do anglicanismo, em virtude de atribuírem à fé, certo valor meritório. Na verdade ela é um dom de Deus, através de cujo exercício a pessoa faz-se merecedora de maiores bênçãos e, muito embora a justificação não dependa das boas ações, tais obras são consideradas indispensáveis. Ainda que imperfeitas, Deus as aceita e recompensa aquele que as promove. Eis, a propósito, a declaração do teólogo Limborch: “[Deve-se lembrar](#)

---

<sup>7</sup> Pope, William Burt - A Comp. of Christ. Theology - Vol. II, Pág. 445.

que, quando dizemos que somos justificados pela fé, não excluimos as obras exigidas pela fé, conforme as produz uma frutífera mãe, mas as inclui.”<sup>8</sup> Aliás, ele foi ainda mais enfático e objetivo ao declarar que “sem obras a fé é morta e a justificação ineficaz” (sine operibus fides mortua et ad justificationem inefficax est).<sup>9</sup>

Há, porém, um ponto em que arminianos e metodistas divergem dos calvinistas, quanto à justificação pela fé. Todos os três aceitam-na como ato de Deus, instantâneo, completo e distinto, ainda, da santificação. Mas, enquanto os dois primeiros admitem que o pecador é apenas considerado por Deus em uma nova condição perante Ele, os seguidores de Calvino dão-lhe sentido mais amplo, incluindo nela, também a adoção e a vida eterna. Para ambos os arminianismos, o dos Representantes e o dos wesleyanos, a vida eterna é concedida aos crentes como recompensa por sua persistência na dedicação a Cristo, pois são suscetíveis de cair da graça e perderem a salvação. Além disso, os calvinistas ligam a justificação aos eternos decretos de Deus, desde que a fé salvadora só é concedida aos eleitos.<sup>10</sup>

#### 4 - A DOCTRINA DA REGENERAÇÃO.

A justificação e a regeneração são concomitantes, se bem que de naturezas diferentes. Aquela tem lugar em Deus, ao passo que esta se processa nos homens. Deus aceita como justo ao pecador, quando este se arrepende de suas faltas. Admite-o em nova situação, como se nada tivesse havido, o que, de modo algum significa que o onisciente e justo Deus se esqueça ou fique a ignorar o seu passado. Trata-o, como o velho pai da bela parábola de Jesus, tratou ao filho pródigo, quando este retornou ao lar. Não é nenhum santo, mas sua mudança de vida e de propósitos lhe abrem novas oportunidades. Se souber corresponder à fé em Cristo, Deus lhe proporcionará cada vez maiores bênçãos e, por fim, a vida eterna.

O arminianismo e o metodismo se distinguem, aqui, um do outro, em alguma coisa. Ambos vêem na regeneração o resultado de uma obra divino-humana. Nem só Deus e nem só o homem, afastando-se assim, mutuamente, tanto do calvinismo como do pelagianismo, que são monergistas. Contudo os arminianos parecem dar a primazia da iniciativa ao homem, enquanto os wesleyanos a concedem ao Espírito Santo. É Ele, o Espírito Santo, que procura, antes, iluminá-lo e persuadi-lo. O homem, todavia, se quiser, pode resistir à ação divina. Por conseguinte, no bom entender do metodismo, a regeneração é o trabalho do Espírito Santo em cooperação com a vontade do homem. Para os arminianos tal operação se exerce primeiro sobre a mente e através da Palavra de Deus (Conf. Remons tr. 17:2, 5 ), ao passo que os wesleyanos não lhe determinam setor de influência, pois acreditam que ela pode efetuar-se por meio da mente ou do coração, como usar os mais diversos recursos.

#### 5 - A SANTIFICAÇÃO.

---

<sup>8</sup> Pope, Op. Cit. - Vol. II - Pág. 444, citando Limborch, in Theol. VI, pág. 4, 32.

<sup>9</sup> Hagenbach, Op. Cit - Vol. III, Pág. 116, citando Limborch, in Theol. Chr. VI, Págs 4, 22 e 31.

<sup>10</sup> Pope - Op. Cit. - Vol II, Pág. 440.



Como se comporta aquele que um dia foi regenerado?

O crente não mais procede como dantes: já não vive no estado de simples criatura e sim no de filho dileto de Deus. Isto é, busca viver conforme a vontade do Pai celeste, sendo-lhe agradável em tudo; procura crescer em santidade para a cada instante mais se parecer com Ele. A perfeição é um desafio persistente a estimulá-lo no jornada em Cristo. Não pára nunca durante a viagem. O novo nascimento foi apenas o início da caminhada e do desenvolvimento. É preciso prosseguir. Como dizia o apóstolo Paulo: “Não que já a tenha alcançado, ou seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que para trás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo...” (Fp 3.12-14).

Quem se satisfaz com as bênçãos já recebidas, incapacita-se para melhores e maiores dádivas. Deus tem coisas incontáveis para Seus filhos. Contudo, para alcançá-las, mister se faz avançar dia a dia em demanda da perfeição, cujo alvo é o Senhor Jesus. Daí a recomendação da Escritura: “Mas, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo vosso procedimento, porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo” (1Pe 1.15-16). E outra vez diz o nosso Deus pelos lábios de Seu Servo: “E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência a temperança, e à temperança a paciência, e à paciência a piedade, e à piedade o amor fraternal; e ao amor fraternal a caridade” (2Pe 1.5-7).

De onde concluímos que a vida cristã se caracteriza por um movimento progressivo, contínuo e ascendente. É um “mais” permanente, uma soma ininterrupta de virtudes. É um crescimento em divindade, porque mais se identifica com a natureza e os propósitos divinos. E se tudo isto não fosse mais do que compensador, bastaria lembrar a promessa gloriosa de Jesus: “Bemaventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (Mt 5.8).

João Wesley foi ao ponto de realçar um segundo estágio no processo da santificação, designado por ele como: “a completa santificação,” “a segunda bênção” ou, ainda, “a segunda obra da graça.” É conhecido, outrossim, por “perfeição cristã” e “perfeição final.” Acredita-se tenha chegado ao seu reconhecimento por testemunho de outras pessoas primeiro, a seguir pelo exame da Palavra de Deus e, talvez, por sua própria experiência; em textos como os de 1Pe 1.16; Mt 5.18; 1Co 2.6 ; 2Co 5.17; Ef 5.27; Hb 5.1-14; Fp 5.13; 1Jo 3.6, 8, 9. Tanto para ele como para o metodismo primitivo constituía uma doutrina cardinal, de sorte que ao ser admitido um novo pregador, Wesley lhe perguntava perante a Conferência (Concílio): “Esperais tornar-vos perfeito em amor nesta vida?”

Sabemos, outrossim, que, em alguns ramos da Igreja Metodista, idêntica pergunta ainda se faz aos candidatos ao presbiterado. Por exemplo, em nossa Igreja, no Brasil, o presidente do Concílio Regional dirige-se ao candidato, assim:

“Caminhais em demanda da perfeição em Jesus Cristo e vos estais esforçando para alcançá-la?” E a resposta é: “Sim, com o auxílio de Deus.”<sup>11</sup>

Realmente esse estado não depende exclusivamente do esforço humano, erro em que incidiam os pelagianos com sua exagerada confiança no homem e nos meios naturais da graça. Negando a transmissão do pecado original, ensinavam que através de suas faculdades naturais e daqueles meios, podia cumprir as exigências de Deus e atingir a perfeição cristã, mesmo porque Ele nada lhe pede que seja impossível.

A santificação é obra divino-humana. Deus quer abençoar o crente e o envolve com Sua graça, mas é preciso que este ande por ela e a busque de todo o coração, alma e mente. Enfim, com todas as suas forças. Todavia, a parte principal é a divina. Armínio escreveu em um de seus trabalhos que o homem jamais a conseguiria sem o auxílio de Cristo,<sup>12</sup> afirmação que os metodistas endossam inteiramente.

Mas, em que consiste a perfeição cristã ou completa santificação?

Começaremos por declarar que não significa isenção de ignorância ou de erro ou de tentação. Há muitas coisas que o cristão nunca chegará a saber ou a realizar nesta vida; finito e limitado como é, pode errar e ser induzido à tentação. Os mais dedicados servos de Deus sofreram provações, infortúnios, ultrajes, morte. Jó, João Batista, Tiago, Paulo, são exemplos dos mais eloqüentes. O que Wesley queria dizer, quando se referia à doutrina, era que o crente dotado com aquela bênção não teria disposição para o pecado e, se acontecesse passar por tentação, sentiria o auxílio da graça divina, capacitando-o para vencer. Quando alcançasse a perfeição cristã, o bem seria positivo, já nenhum domínio exercendo sobre ele os maus pensamentos ou inclinações perversas. Ao invés disto o amor para com Deus e os homens seria nele perfeito.

A santificação pode conduzir à perfeição, e até confundir-se com ela, segundo depreendemos destas palavras do Dr. Harmon: “Significa, diz o ilustre bispo metodista, que se podemos viver um dia sem pecado, também podemos viver dois; e se podemos viver dois dias sem pecado, podemos viver muitos dias sem pecado - por que não? Assim haverá um crescimento em graça e uma aproximação cada vez maior de Deus até àquele dia em que a pessoa se torna o que Deus queria que fosse - e isto não é ser homem perfeito?”<sup>13</sup>

Mas a perfeição cristã é mais do que isso, porque, como graça especial de Deus, o crente pode recebê-la num instante e a qualquer momento em sua vida, no conceito wesleyano. Os calvinistas, porém, admitem que seja alcançada somente no

---

<sup>11</sup> Cânones da Igreja Metodista do Brasil - Ano de 1955 - Pág. 198.

<sup>12</sup> Pope - Op. Cit. - Vol III, Págs 84 a 85.

<sup>13</sup> Harmon, Nolan B. - Understanding The Method. Church - The Method. Publi. House - 1955 - Pág. 72.

momento da morte ou após ela. Os arminianos holandeses concebiam-na mais ou menos conforme os metodistas wesleyanos, mas não lhe deram tanta importância quanto estes. As igrejas “Holiness” e de “Jesus Nazareno” sustentam ainda a posição mantida por João Wesley, considerando-a de capital relevância.

## 6 - O CONCEITO DE DEUS.

É muitíssimo importante o que pensamos acerca de Deus.

Nossa vida, nossas atitudes e pensamentos dependem do que crermos no tocante a Ele. A conduta de cada um é simplesmente o resultado de suas concepções. Nas palavras expressivas do insigne Rui Barbosa: “[As doutrinas precedem os atos.](#)” Ninguém vai além do que crê. Toda crença está constituída de uma série de valores que apreciamos e incorporamos à vida e, de conformidade com os quais formamos nossos hábitos e sentimentos.

Pela nossa crença nos conduzimos, pensamos e agimos. Imaginemos, por exemplo, a diferença entre uma pessoa que creia na existência do Deus Todo-Poderoso, Onisciente, Santo, Justo e Misericordioso e aquela que assim não creia. A primeira sente-o em tudo e em todas as partes; é-Lhe agradecida pelas incontáveis manifestações de Seu amor; recebe com paciência as provações, certa de que o Pai Celeste está a seu lado para ajudá-la a vencê-las. Assim, ao evitar o mal, não é porque teme castigos, e sim porque, de forma alguma, deseja entristecer ao Deus de amor, que só lhe tem feito o bem. Procederá a segunda pessoa de modo semelhante?

Razão, por isso, teve João Wesley quando, numa carta ao Dr. Conyers Middleton, escreveu que o cristão é feliz por saber que o “[Criador de todas as coisas é um ser de imensa sabedoria, de poder infinito para executar todos os desígnios de Sua sabedoria, e de não menos infinita bondade para dirigir todo o Seu poder para benefício de todas as Suas criaturas.](#)” Deus está disposto a distribuir as bênçãos de Sua justiça, santidade e perfeição a quantos cumpram as condições que para tanto estabeleceu, disse Wesley noutra ocasião em um de seus sermões.<sup>14</sup> Deus é o mesmo sempre: não muda.

Deus é imutável em Sua essência, atributos, propósito e consciência. Há nele a mais perfeita harmonia. Mas, quanto aos arminianos e pelagianos, temos algumas restrições a fazer quanto ao seu conceito de Deus, porque, embora aceitassem a imutabilidade do Ser divino, negavam que tal imutabilidade existisse no conhecimento e na vontade de Deus. Vamos esclarecer melhor: acreditavam os dois que o homem é um ser livre e Deus, por conseguinte, agia de conformidade com seus atos. Deus tinha que levar em conta as ações do homem.

## 7 - A TRINDADE.

---

<sup>14</sup> Sermão “Sobre Predestinação” - Cit. por Burtner e Chiler - Pág. 50.

Arminianos e metodistas reconhecem como válida a velha doutrina ortodoxa da Igreja Cristã: da Trindade divina - Pai, Filho e Espírito Santo.

Discordam, contudo, a respeito das relações das três pessoas entre si. Os seguidores de Wesley são fiéis ao credo Niceno-Constantinopolitano, que definiu esse magno problema da economia divina, considerando-as de idêntica essência e com idênticos atributos e, ainda, co-eternas.

Foi a posição adotada pela Igreja Anglicana e igualmente por João Wesley, tanto assim que, na revisão dos “Trinta e Nove Artigos” ele a manteve: “Na unidade desta Divindade há três pessoas de uma substância, poder e eternidade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.” A Igreja Metodista do Brasil, no capítulo que trata das doutrinas, revela-se nesta questão, digna continuadora do movimento wesleyano, pois no Art. I, inciso 1, lê-se: “**Há um só Deus vivo e verdadeiro, eterno, sem corpo nem partes; de poder, sabedoria e bondade infinitos, criador e conservador de todas as coisas visíveis e invisíveis. Na unidade desta divindade, há três pessoas da mesma substância, poder e eternidade - Pai, Filho e Espírito Santo.**”

Porém os arminianos, embora aceitassem a existência das três pessoas, admitiam o subordinacionismo. Isto é, o Filho está subordinado ao Pai, e o Espírito Santo ao Filho, o que equivale a atribuir-lhes gradações de existência, de ação e até de essência.

## CONCLUSÃO

De tudo quanto foi dito, formulemos uma síntese global, que nos permita ver de relance o quadro analisado e mais facilmente reter as evidências apontadas.

1 - O espírito humano longe de ser uma entidade passiva, acomodada às circunstâncias de quaisquer naturezas, é elemento ativo, sofre, sente e reage. Motivo por que nossa vida se distingue da de outros seres. É verdade que também eles reagem aos estímulos externos, mas não sabem porque o fazem e nem são capazes de criar meios inteligentes para os transformarem em seu benefício. Por isso, no que diz respeito ao homem, o determinismo só em parte é válido.

Citaríamos, se quiséssemos, centenas de exemplos. Mas, dois apenas nos bastarão:

A Holanda, em sua permanente luta com o mar, usurpou-lhe dezenas de quilômetros de solo estéril e o transformou em terra das mais produtivas.<sup>1</sup> Ali está uma prova do que pode o engenho humano.

O outro nos é dado pela Grã-Bretanha. Pequena e rodeada pelo Atlântico, converteu-se numa das maiores potências marítimas do globo. E se examinardes a vida política, social e religiosa de holandeses e ingleses, notareis coisa semelhante. Sua gente soube reagir sempre contra os que lhe feriram o brio. A independência da Holanda é fruto do despotismo dos fanáticos habsburgos espanhóis. Conscientes de seu próprio valor, alentados pela doutrina evangélica, inflamaram-se de zelo e sacudiram de vez o jugo estrangeiro.

Fato idêntico nos apresenta a velha Inglaterra, a qual, não só expulsou a quantos inimigos lhe pisaram o solo pátrio, mas ainda se fez a paladina da democracia nos tempos modernos. Lembrar-vos-ei apenas que, séculos antes de se falar no diploma dos direitos do homem, já os barões ingleses tinham exigido do Rei João subscrever a Magna Carta, de perduráveis conseqüências: Onde, portanto, se tente diminuir o valor do espírito humano, a reação se levantará, infalivelmente.

2 - Tiago Armínio e João Wesley refletem o espírito de seus povos, de amor à liberdade e de respeito para com a vida humana. Mas, de outro lado, eles se firmaram nesses princípios, observando que se coadunavam com a natureza do homem, que exaltavam ao Criador, tinham o apoio das Escrituras e haviam sido sustentados por alguns escritores da Igreja Primitiva.

Recorrendo à Santa Palavra reconheceram que Deus fizera o homem criatura livre, consciente, responsável, e não um autômato. A obra condizia com o artífice e, por isso, o dignificava. Só assim Ele podia chamá-lo a contas e exigir satisfação por seus atos. Se pecou, não foi porque a tanto estivesse determinado,

---

<sup>1</sup> Fautcher, Daniel – “Geografia Agrária.”

mas porque fez mau uso da liberdade, embora advertido de antemão da possibilidade de cair. Preferiu, todavia, agir na direção contra-indicada.

E como procedeu o Pai celestial? Abandonou o filho que se fizera escravo do mal? Não! Ao invés de deixá-lo ao abandono, continuou ofertando-lhe Sua graça, enviando-lhe, por fim, o Verbo eterno, Cristo Jesus. Através do bendito Redentor a salvação foi posta ao alcance de todos os homens.

Há, por conseguinte, diversos pontos de contato entre arminianismo e metodismo. Ambos negam que Deus tenha predestinado o homem à queda. Ele jamais procederia de tal modo, pois é bom e justo, e não pode agir contrariamente à Sua natureza e nem à do homem. Se alguém se perde, não é do Criador a culpa. Deus quer a salvação do pecador que, para tanto, lhe oferece o recurso, mas o homem é livre para aceitá-lo ou para recusá-lo.

Ninguém, contudo, deduza disto, que o metodismo seja arminiano por excelência. Talvez possamos dizer que o é, tão somente, naqueles conceitos relacionados com a predestinação.

3 - Ireis permitir, então, que vos lembre alguns pontos em que o metodismo e o calvinismo se ajustam bem. Um deles é o da corrupção da natureza humana, após o pecado. De sorte que, quando Adão caiu, toda a raça humana caiu com ele. Outro ponto é o da absoluta necessidade da graça de Deus, sem a qual o homem é incapaz de buscar a salvação. A iniciativa é de Deus e também a sua realização. Ainda outro está na interpretação que os dois sistemas dão aos sacramentos, considerando-os não apenas símbolos, mas também meios pelos quais a fé recebe alimento e o fiel mais se edifica em Cristo. Ambos rejeitam a transubstanciação e a consubstanciação.

4 - Se, porém, nos detivermos a examinar com mais precisão os postulados do metodismo wesleyano, teremos o ensejo de concluir que, em alguns deles, é mais anti-calvinista que o sistema de Tiago Armínio. Nada há, pois, que estranhar! Sim! Por quanto vimos que o arminianismo aceitava a predestinação condicional, ou infralapsarianismo. Isto é, baseada na presciência de Deus e não em Seu decreto eterno, a partir da queda, e não anteriormente à mesma. O metodismo, embora reconheça a presciência de Deus, nega qualquer uma das duas formas de predestinação: infralapsariana ou supralapsariana. Também rejeita limitações na obra expiatória de Cristo, como quando se pretende que Ele tenha morrido apenas pelos eleitos.

Para Wesley e seus seguidores a expiação e a graça são universais. Cristo fez tudo que dependia de Si para redimir a humanidade do pecado, Sua obra foi extensa, perfeita, completa, única e abrange a todos os homens, como vemos, por exemplo, em Jo 3.16; Rm 5.18 e Hb 8.10.

5 - O metodismo é, por tais motivos, um sistema teológico peculiar. Nem arminiano inteiramente e nem calvinista. Mantém, no entanto, doutrinas que são

fundamentais para os dois, agrupando-as em um todo harmonioso e equilibrado. De um lado sustenta a glória e soberania de Deus e, do outro, a liberdade do homem. A salvação é dom gratuito, concedido aos homens sem que o mereçam, mas não vai ao ponto de deixar tudo exclusivamente nas mãos divinas. A salvação é obra divino-humana. O enfermo cura-se quando se dispõe a submeter-se às prescrições do médico e toma os remédios que lhe indica. O mais importante, pelo menos em situação delicada, depende do clínico, mas, passada a crise, a cooperação do enfermo é imprescindível. Por melhor que seja um medicamento, o efeito dependerá da reação do organismo. A graça de Deus, de igual modo, só completa sua obra quando o homem diligencia em secundá-la.

Fatalismo, determinismo, transcendentalismo, ou panteísmo e humanismo, são uns tantos “ismos” que os seguidores de Wesley repelem como perigosos. Se é absurdo afirmar-se que “o homem é homem simplesmente porque não é gato,” não é menos grave tomá-lo como aferidor (avaliador, medidor, julgador) de valores. Nunca nos podemos esquecer que ele é finito, limitado, perecível, sujeito a falhas, mas também que Deus o fez à Sua imagem moral e espiritual.

Jamais compreenderemos o Criador se o divorciarmos do homem, assim como seremos incapazes de conhecer o homem isolando-o de Deus. Quantas vezes se tem elevado tanto a Deus ao ponto de o homem ficar obscurecido? Ainda agora se propala uma teologia transcendentalista, na qual o Altíssimo está fora do alcance de nossas especulações. Bonita, sem dúvida, mas nada confortadora! Mas, também, não é possível entronizar a ridícula razão da criatura a que chamamos homem. Os seus desatinos são evidentes até para os cegos.

6 - Diremos, finalmente, que a sociedade hodierna necessita conhecer e experimentar a teologia metodista. Em um mundo inquieto e desnorteado como o nosso, ela fará muito bem. Será uma bênção sentir a mão divina segurando a nossa ao invés de nos julgarmos quais cascas de nozes agitadas pelos vagalhões da vida, ou quais indefesos órfãos abandonados ao léu da sorte. Há, para todos, um timoneiro seguro, um Pai acessível e de infinita misericórdia. Seus são os tesouros nos céus e na terra, e Ele quer distribuí-los com os Seus filhos, de qualquer raça, de qualquer continente e de qualquer condição social. Até o mais vil pecador. Não há exceções para Deus. Só o próprio homem se pode excluir do reino celestial.

Não existe mensagem mais confortadora e mais entusiasta. Ela nos ensina o verdadeiro sentido da fraternidade, porque nos ajuda a ver em nosso próximo um irmão pelo qual Jesus também derramou o Seu sangue. Ela nos faz cômicos de nosso dever de anunciar o Evangelho por todas as partes. Ela nos constrange a batalhar por um mundo de paz e de boa vontade, de justiça e de respeito para com todos os homens. “O metodismo,” disse alguém sabiamente, “é uma revolução em marcha.”

Deus o permita!

## BIBLIOGRAFIA

BERKHOF, L. - The History of Christian Doctrines - Eerdmans Publish. Company - 1049 - Michigan.

BERKHOF, L. - Systematic Theology - Eerdmans Publishing Co. - Michigan - 1949.

BURTNER AND CHILES - Compêndio de Teologia de João Wesley - Imprensa Metodista.

CAMBRIDGE MODERN HISTORY - Vol. VI - University Press, Cambridge.

CANNON, WILL. RAGSDALE - The Theology of John Wesley - Abingdon - Cokesbury Press - New York - Nashville - 1946.

ENCYCLOP. OF BIBLICAL THEOLOGY AND ECCLES. LITERATURE - Vols . I e VI - McClintock and Strong - Harper & Brothers - New York - 1878.

ENCYCLOP. BRITÂNICA - Vol II - Fourteenth Ed. - 1929.

FISHER, GEORGE P. - History of Christian Doctrine - Charles Scribner's Sons - New York - 1901.

GUTHRIE, JOHN - Life of James Arminius - Nashville - Publish. House of M. E. Church, South - 1903.

HAGENBACH, DR. K. R. - A History of Christian Doctrines - Vol. III - Edinburg - T. & T. Clark - 1895.

HARMON, NOLAN B. - Understanding The Method. Church - The Method. Publish. House - Nashville - 1955.

HASTINGS, JAMES - Encyclop. of Religion and Ethics - Vol. 1 - Charles Scbriner's Sons - New York - 1928.

LINDSAY, THOMAS - A Reforma - Livraria Evangélica - Rua das Janelas Verdes, 32 - Lisboa - s. d.

MOSHEIM, J. LAWRENCE - An Ecclesist. History - Vol V - London.

NEWMAN, A. HENRY - A Manual of Church History - Vol. II - Philad - American Baptist Society - 1904.

PIRENNE, HENRY - Histoire de Belgique - Vols . III e IV - Bruxelles - 1923.

PLATT - Dict. of Religion and Ethics - Vol. I - 1908.



POPE , WILL. BURT - A Compendium of Christ. Theology - Vols. I, II e III - Second Edition - New York - Cincinnati.

SCHAFF - History of the Christ. Church - Ch. Scribner's Sons - N. York - 1882.

STEVENS, ABEL - History of Methodism - Thirt. Edition - New York - Cincinnati.

SÉE. HENRI BÉBILLON ET PRÉCLIN - Le XVI Siècle - Presses Universit. de France - Paris - 1950.

TEYERM AN. LUKE - The Life and Times of the Rev. John Wesley - 3 vols. - New York - Harper & Bros. - 1872.

TOWNSEND, W. J. - A New History of Methodism - Publish. House of the M. E. Church, South - Nashville - 1909.

VAN GELDER, H. A. - Histoire des Pays-Bas du XVI siècle à nos jours - Libr. Colin.

WALKER, WILLISTON - História da Igreja de Cristo - Imprensa Metodista - S. Paulo - 1925.

WESLEY, JOHN - Sermões - Vols. I e II - Imprensa Metodista - S. Paulo - 1954.

RELIGION IN LIFE - A Christ. Quartely - Vol. XIX, Nº 3 - New York - 1950.